SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

RESOLUÇÃO – CEPEC Nº 1371

Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais, grau acadêmico Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais, modalidade a distância - EaD, Programa Universidade Aberta do Brasil - UAB, para os alunos ingressos a partir do ano letivo de 2015.

O **REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, *AD REFERENDUM* DO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA,** no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, tendo em vista o que consta do processo nº 23070.007485/2007-19, e considerando:

a) a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB;
b) Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências;
c) Resolução CNE/CP nº 2, de 18 de fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior;
d) Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;
e) Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de novembro de 2005. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura de graduação plena;
f) Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre a Lei do Estágio de Estudantes e dá outras providências;
g) Resolução CNE/CES nº 1, de 16 de janeiro de 2009, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras providências;
h) Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009, que institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, de Nível Superior - CAPES, no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências;
i) Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010, que define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica;
j) Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012, que estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos;

k) o Estatuto e o Regimento Geral da UFG, reeditado com as alterações aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (Parecer CNE/CES nº 219/2002) e pelo Ministro da Educação (Portaria nº 522/2003);
l) Resolução UFG/CEPEC nº 631, de 14 de outubro de 2003, que define a política da UFG para a Formação de Professores da Educação Básica;
m) Resolução UFG/CONSUNI, que dispõe sobre o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação - RGCG da UFG;
n) Resolução UFG/CEPEC nº 731, de 5 de julho de 2005, que define a política de estágios da UFG para a formação de professores da Educação Básica;
o) Regimento interno da Faculdade de Artes Visuais. Aprovado pelo Conselho Diretor da FAV,

R E S O L V E :

Art. 1º Aprovar o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Artes Visuais, grau acadêmico Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais - FAV da Universidade Federal de Goiás, na modalidade a distância - EaD, Programa Universidade Aberta do Brasil - UAB, na forma do Anexo a esta Resolução.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor nesta data, com efeito para os alunos ingressos a partir do ano letivo de 2015, revogando-se as disposições em contrário.

Goiânia, 24 de julho de 2015

Prof. Orlando Afonso Valle do Amaral
- Reitor -

ANEXO À RESOLUÇÃO - CEPEC Nº 1371

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - GRAU ACADÊMICO LICENCIATURA MODALIDADE A DISTÂNCIA - EaD FAV/UFG/UAB

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS - FAV

Diretor:
Prof. Raimundo Martins da Silva Filho

Vice-Diretor:
Prof. José César Teatini de Souza Clímaco

Coordenadora do Curso de Graduação em Artes Visuais - Licenciatura - EaD/UAB:
Profª. Lilian Ücker

Goiânia – Goiás
2009/2015

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DO PROJETO 5
1.1 Histórico 5
1.2 Formas de Ingresso (RGCG, artigos 10 e 11) 6
1.2.1 Processo Seletivo 6
2 OBJETIVOS (GERAIS E ESPECÍFICOS) 6
3 PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL 7
3.1 A Prática Profissional 7
3.2 A Formação Técnica 8
3.3 Articulação Entre Teoria e Prática 8
3.4 A Interdisciplinaridade 9
3.5 A Formação Ética e a Função Social do Profissional 9
4 EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL 9
4.1 Perfil do Curso 10
4.1.1 Concepção de Ensino a Distância 11
4.1.2 Dinâmica Organizacional do Curso 12
4.2 Perfil do Egresso 12
4.3 Competências e Habilidades do Egresso 13
5 ESTRUTURA CURRICULAR 14
5.1 Matriz Curricular 14
5.2 Fluxo Curricular do Curso 17
5.3 Ementários das Disciplinas, com Bibliografias Básica e Complementar 18
5.4 Atividades Complementares 35
5.5 Prática como Componente Curricular 37
6 POLÍTICA E GESTÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR (PCC) 38
6.1 Estágio Curricular Obrigatório 39
6.2 Estágio Curricular Não Obrigatório 40
7 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 41
8 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APREDIZAGEM 41
8.1 Avaliação no AVA 42
8.2 Avaliação Presencial 42
8.3 Avaliação das Disciplinas de Ateliê 42
8.4 Recuperação de Estudos 42
9 INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO 43
10 POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DA UNIDADE ACADÊMICA 43
10.1 Atividade do Coordenador de Curso 43
10.2 Política de Qualificação do Quadro Docente UFG/FAV 44
10.3 Política de Qualificação dos Tutores do Curso 44
11 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DE CURSO 44
11.1 Avaliação Diagnóstica do Processo 45
12 DINÂMICA E FLUXO DE RELAÇÕES DE TRABALHO 45
12.1 Equipe Multidisciplinar 47
12.2 Equipe de Polo 47
12.3 Cronograma de Atividades Presenciais e a Distância 48
12.4 Estruturação do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA 48
12.5 Mediação e Acompanhamento de Aprendizagem na Sala da Disciplina 48
12.6 Encontros Presenciais 49
12.7 Concepção de Formação: Dinâmicas de Mediação e Interlocução 49
12.8 Concepção e Tutoria 50
13 ESPAÇOS ESTRUTURAIS, RECURSOS DIDÁTICOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO 50
13.1 Polos de Apoio Pedagógico 50
13.2 O Laboratório de Informática 50
13.3 O Ateliê de Práticas Artísticas 51
13.4 A Biblioteca/Midiateca 51
13.5 Equipamentos 51
13.6 Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA 52
13.7 Material Didático 52
14 REFERÊNCIAS 53

1 APRESENTAÇÃO DO PROJETO

O Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, reunido em sessão plenária realizada no dia 7 de agosto de 2007 e tendo em vista o que consta do processo n° 23070.007485/2007-19, aprova a Resolução CEPEC Nº 837 fixando o currículo pleno do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – Modalidade a Distância – Universidade Aberta do Brasil (UAB), para os alunos ingressos a partir de 2007. O projeto do curso prevê a duração mínima de oito períodos e máximo de doze períodos letivos. Receberá o título de Licenciado em Artes Visuais o estudante que concluir os períodos indicados. Os oito períodos do curso somam carga horária total de 2982 horas.

As vagas oferecidas pelo curso são definidas pelas demanda dos municípios que propõem a oferta do curso por meio do convênio com o governo federal e a UFG. Em 2007 foram oferecidas inicialmente 450 vagas distribuídas entre nove municípios goianos. A ampliação deste número será de acordo com a demanda de outros municípios pela oferta do curso e mediante decisão do Conselho Diretor da FAV em atender a demanda.

1.1 Histórico

Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB é a denominação representativa genérica para a rede nacional experimental voltada para pesquisa e para a educação superior (compreendendo formação inicial e continuada) que será formada pelo conjunto de instituições públicas de ensino superior, em articulação e integração com o conjunto de polos municipais de apoio presencial. Universidade Aberta do Brasil é o nome dado ao projeto criado pelo Ministério da Educação, em 2005, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação, para a articulação e integração experimental de um sistema nacional de educação superior. Esse sistema será formado por instituições públicas de ensino superior, as quais levarão ensino superior público de qualidade aos Municípios brasileiros que não têm oferta ou cujos cursos ofertados não são suficientes para atender a todos os cidadãos.

É uma forma de proporcionar e fazer educação, com forte na mediação de tecnologias de informação e comunicação (TICs). O Decreto 5.622 que regulamenta a educação a distância no Brasil, caracteriza a modalidade de educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático–pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

A proposta de curso de Licenciatura em Artes Visuais foi apresentada no lote da Universidade Federal de Goiás que como dentre muitas outras instituições públicas de ensino superior apresentaram propostas de cursos a distância ao MEC no edital/2006 da UAB. Essas propostas foram avaliadas por uma comissão de especialistas que analisaram a viabilidade de funcionamento das propostas dos cursos apresentados nos polos municipais de apoio presencial para educação a distância, que solicitaram a realização dos cursos junto ao MEC. A escolha inicial recaiu naqueles Municípios brasileiros que não têm oferta de cursos superiores ou cujos cursos ofertados não são suficientes para atender a todos os cidadãos. Assim, são formados os chamados Polos. A proposta de Pólo Municipal de Apoio Presencial, por parte dos municípios, individual ou coletivamente organizados, dos estados ou do Distrito Federal, deverá ser estruturada, nos termos do Edital, com descrição da infra-estrutura física e logística de funcionamento, descrição de recursos humanos para o polo, bem como uma lista dos cursos superiores pretendidos para o município, com respectivos quantitativos de vagas.

O Programa Universidade Aberta do Brasil é dirigido a qualquer cidadão que concluiu a educação básica, foi aprovado no processo seletivo e que atenda aos requisitos exigidos pela instituição pública vinculada ao Sistema Universidade Aberta do Brasil.

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG) na Modalidade Ensino a Distância – EaD – do Programa Universidade Aberta do Brasil – UAB - vêm ao encontro das necessidades do contexto contemporâneo de ensino-aprendizagem, formando arte educadores com uma visão mais holística do contexto escolar, cultural e tecnológico para o ensino e aprendizagem das artes visuais.

Assim como as diferentes áreas de conhecimento, a área das humanidades, onde a arte se insere, também quer valorizar a educação investindo na qualificação do docente, pois, dele depende a reestruturação do sistema educacional brasileiro. Tal reestruturação está condicionada a uma sólida preparação, daqueles que serão os responsáveis pela formação da própria sociedade, da qual esse sistema educacional faz parte. A Licenciatura em Artes Visuais adquire uma primordial relevância e em seu planejamento deve-se considerar esse papel fundamental que os educadores ocupam na construção de novos modelos sociais.

Vinculação da UFG ao Sistema UAB: Participação no Edital de seleção n. 01/2005-SEED/MEC; autorizado pela Portaria 873-MEC, de 07 de junho de 2006. Ato de Credenciamento da IPES pelo MEC: Portaria Normativa de Credenciamento em EaD UFG: Nº 1.369, de 07 de dezembro de 2010.

1.2 Formas de Ingresso (RGCG, artigos 10 e 11)

A admissão aos cursos de graduação da UFG dar-se-á nos termos dos artigos 102, 103 e 105 do Regimento da UFG e por meio de resolução especifica.

A UFG não reconhece a condição do aluno ouvinte.

1.2.1 Processo Seletivo

O processo seletivo para ingresso na UFG será classificatório e unificado em seu conteúdo. Pode ser centralizado em sua execução ou descentralizado com realização das provas nos municípios polo. Abrangerá os conhecimentos comuns às diversas formas de educação, dando especial ênfase nos conteúdos de artes visuais e questões culturais sem ultrapassar o nível de complexidade do ensino médio. Tendo por fim avaliar o domínio de conhecimento dos candidatos aos cursos superiores; e classificar os candidatos aprovados até o limite de vagas fixado para cada curso ou polo.

A Faculdade de Artes Visuais não realiza a verificação da aptidão artística para ingresso nas suas Licenciaturas em Artes Visuais.

2 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

O curso terá os seguintes objetivos:

I- propiciar formação e bases ético-profissionais para atuação como professor(a) de Artes Visuais;

II- proporcionar a discussão e crítica de teorias e práticas da arte e da arte educação;

III- propor formas de articulação entre a escola, outros contextos educativos e comunidades, através do conhecimento, reflexão e divulgação da produção teórica e prática;

IV- contribuir para a melhoria da qualidade da educação escolar especificamente, do ensino de artes visuais;

V- viabilizar a conscientização do aluno para agir dentro de princípios éticos, morais, legais e cívicos, promovendo o ser humano autônomo, como força de trabalho e capital intelectual;

VI- produzir materiais de apoio à prática docente e incentivar ouso de equipamentos e meios de informação e comunicação para a preparação das aulas;
VII- proporcionar condições de acesso ao curso aos estudantes portadores de necessidades especiais, por meio da proposição de estratégias e do uso de recursos didáticos que atendam às especificidades do caso.

3 PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

Este curso apresenta três pilares (Figura 1) que têm por base a articulação entre a teoria e a prática no processo de formação. Concebendo o conceito do sujeito que pensa e transforma suas práticas durante o seu processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que essas práticas interferem e articulam na construção conceitual e teórica desse sujeito.

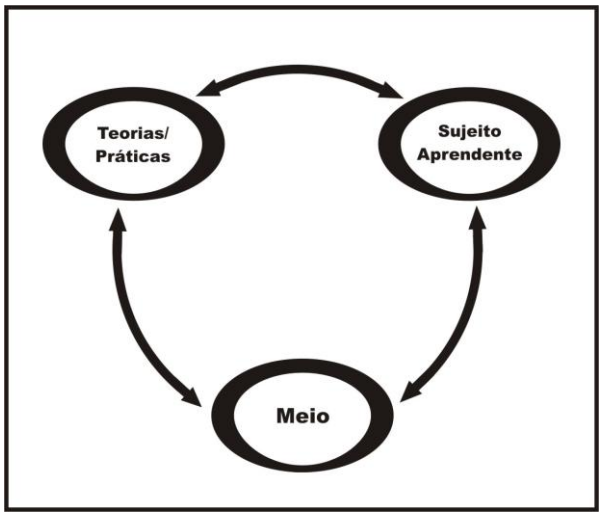

Figura 1. Gráfico da dinâmica dos três pilares do curso

1) A articulação do processo de formação de docentes em artes visuais ao contexto educacional local: Pensar a formação docente estreitamente conectada com a realidade educacional de seu contexto entendendo a realidade existente e propondo transformações que enriqueçam e reforcem a educação em artes local;
2) A articulação do processo de formação de docentes em artes visuais com o contexto cultural local: Pensar a formação docente articulada ao contexto cultural local apoiando-se numa concepção multicultural de educação, na qual a arte é entendida como um bem cultural acessível a todos;
3) A articulação do processo formação docente em artes visuais à utilização das novas tecnologias: Pensar a formação docente articulada aos saberes tecnológicos contemporâneos na direção de uma educação na qual se busca a autonomia dos sujeitos, a descentralização e deshierarquização dos saberes pedagógicos, artísticos e culturais.

3.1 A Prática Profissional

O currículo do Curso de Licenciatura em Artes Visuais Modalidade a Distância se destina à formação de professores, compreendendo os seguintes níveis:

- Da Educação Básica:
  a) Educação Infantil;
  b) Ensino Fundamental;
  c) Ensino Médio.

- Espaços de Educação não formal:
  a) Museus e Galerias;
  b) Centros Culturais;
  c) ONGs e OSCIPs;
  d) Centros Livres de Arte;
  e) demais espaços culturais.

3.2 A Formação Técnica

A formação técnica ressalta a importância do diálogo entre os eixos formativos que compõem a estrutura deste documento. Neste sentido, não apenas a competência pedagógica, mas também, o desenvolvimento da competência relacionado ao fazer artístico nas propostas das disciplinas de ateliê constitui-se de suma importância para a formação do perfil profissional a que este curso se propõe.

3.3 Articulação Entre Teoria e Prática

As disciplinas ofertadas pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais proporcionam uma formação teórico-prática permitindo que os componentes curriculares sejam trabalhados sob diferentes configurações e propostas metodológicas, tentando com isso eliminar distorções decorrentes da priorização de um dos polos teoria ou prática.

Objetiva-se o entendimento que todas as disciplinas estejam abertas para prever situações teórico-práticas para que os futuros professores coloquem em uso os conhecimentos construídos, ao mesmo tempo em que possam mobilizar outros de diferentes naturezas e oriundos de diferentes experiências, tempos e espaços curriculares.

Com base no Parecer CNE/CP 9/2001, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, entende-se:

> O princípio metodológico geral é de que todo fazer implica uma reflexão e toda reflexão implica um fazer, ainda que nem sempre este se materialize. Esse princípio é operacional e sua aplicação não exige uma resposta definitiva sobre qual dimensão – a teoria ou a prática – deve ter prioridade, muito menos qual delas deva ser o ponto de partida na formação do professor. Assim, no processo de construção de sua autonomia intelectual, o professor, além de saber e de saber fazer deve compreender o que faz.

Na realização do curso, objetiva-se a promoção da articulação teoria-prática

> numa perspectiva interdisciplinar, com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão para compreender e atuar em situações contextualizadas, tais como o registro de observações realizadas e a resolução de situações-problema características do cotidiano profissional (Parecer CNE/CP 9/2001).

Neste sentido, integrar teoria e prática é condição fundamental à prática docente, mediante processos de ensino-aprendizagem que articulam objetivos, conhecimentos, procedimentos pedagógicos. É essencial à atividade docente ter uma prática que corresponda à teoria estudada, segundo a qual o aprender remete imediatamente ao fazer. Os processos de ensino-aprendizagem adotados pelo Curso apresentam uma diversidade decorrente da natureza dos conteúdos ministrados, mas também pela forma experimental e inovadora que se pretende implementar nesta proposta. Levando em consideração esta premissa, a prática na matriz curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais não fica reduzida a um espaço ou disciplina isolada, como por exemplo, em disciplina de estágio supervisionado. Esta deixa de ser compreendida como algo fechado em si mesmo e desarticulado do restante do curso e passa a dialogar com outras disciplinas, favorecendo uma fundamentação contextualizada do campo artístico e educacional.

3.4 A Interdisciplinaridade

O desenvolvimento dos aspectos estruturais e vocação do Curso caracterizam-se pela observância aos fatores:

a) **Interdisciplinaridade**:

- O desenvolvimento do curso, desde o seu primeiro período, possibilita a prática da interdisciplinaridade iniciando no planejamento pedagógico e integração dos conteúdos programáticos dos planos de ensino, passando pela realização de trabalhos e atividades comuns entre disciplinas do mesmo período e culminando com a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

b) **Articulação com Ensino-Pesquisa-Extensão:**

- Incentivo à pesquisa, como necessário prolongamento da atividade de ensino e como instrumento para a iniciação científica; desenvolvimento de projetos de iniciação científica. O processo de ensino aprendizagem proposto nesse curso tem como base a investigação. A pesquisa é, pois um dos vértices que constrói a idéia de universidade, onde ensino, extensão e pesquisa alimentam-se reciprocamente nas suas ações interdisciplinares;
- Ao longo do curso, os estudantes serão estimulados a desenvolverem projetos de extensão, a exemplo do que acontece no curso presencial, havendo a possibilidade de formação de equipes de ambas as modalidades, bem como os estudantes do curso EaD integrarem projetos já existentes no curso presencial.

3.5 A Formação Ética e a Função Social do Profissional

O curso de Licenciatura em Artes Visuais na Modalidade a Distância FAV/UFG/UAB está organizado visando uma formação de profissionais capazes de lidarem com as diferenças culturais, com propostas e situações plurais, interdisciplinares e multiculturais.

O atual contexto pedagógico do ensino de Artes Visuais e de uma forma geral dos estudos das imagens que compõem o universo da Cultura Visual apresenta como principal desafio a construção de uma consciência educativa para a investigação. Nesse contexto, a busca pela construção de espaços de reflexão significativa, tem como premissa a articulação de repertórios diversos, para que cada estudante busque, a partir de sua leitura de mundo, conforme explica Paulo Freire, consciência e ação na produção de sentidos durante o exercício de sua prática profissional.

Tal consciência pode ser compreendida na ação de significar processos na proposição de ações em que o sujeito-aprendente deixa de ser um consumidor passivo de imagens e ideologias, passando a ser, nesse contexto, protagonista nas temáticas e nos processos técnicos e formais de produção dessas imagens. Assim, é necessário trazer essas questões para o ambiente da educação, sobretudo quando se tem em vista um projeto educativo coerente com as diferentes "realidades" em que tais profissionais se encontram inseridos.

4 EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

A Universidade Federal de Goiás, em consonância com sua missão, tem contribuído de forma efetiva para o processo de desenvolvimento do Estado, formando profissionais qualificados para atuarem de forma técnica, ética e solidária em prol do desenvolvimento humano. A atual Faculdade de Artes Visuais (antigo Instituto de Artes) da UFG tem inserido o maior contingente dos profissionais para o ensino de artes que atuam nas redes estadual, municipal e privada da Educação Básica e também do ensino superior. A formação de profissionais licenciados para o ensino de arte nesta IES data de 1978.

A partir do final da década de noventa, a licenciatura passou por várias propostas de formação da docência para as artes visuais. Mais exatamente em 2000 o curso muda radicalmente de Educação Artística na forma polivalente para "Licenciatura em Artes Visuais" propondo atualizações conceituais que o que o caracteriza como uma das propostas curriculares mais contemporâneas de ensino de arte em todo o país.

Assim o atual curso presencial de Artes Visuais - Licenciatura apresenta em seu currículo conquistas gestadas no âmbito das lutas políticas de arte-educadores de todo o Brasil. A Secretaria de Estado de Educação, por exemplo, entende ser "direito" dos alunos o acesso às quatro linguagens da arte, o que concordamos.

A Secretaria de Educação do Município – SME - da Cidade de Goiânia embora tenha um bom número de professores efetivos nas várias linguagens de arte não garante necessariamente a presença do professor qualificado dentro da sala de aula. A SME divide o período de formação básica em três (3) ciclos, podendo a disciplina artes ser ministrada por professores de Educação Física ou pelo pedagogo no primeiro e no segundo ciclo. Vemos claramente um descompasso entre as políticas educacionais para o ensino de artes nas instâncias federais e as políticas educacionais locais.

Ao longo do ano de 2006 a Faculdade de Artes Visuais tem desenvolvido estratégias de aproximação com as Secretaria de Educação Estadual e Municipal. Durante muito tempo, a FAV foi a responsável exclusiva pela formação de docentes para este campo, mantendo até hoje, o grau de qualidade, devido a ser o único curso de graduação regular (não-parcelado) contando com um corpo docente constituído na sua maioria de doutores na área o que significa dizer que tem uma competência estabelecida e reconhecida nacionalmente na formação de artes visuais e seu ensino. Entendemos, no entanto, que só através de parcerias conseguiremos dar um salto qualitativo e quantitativo que irá com certeza contribuir para estabelecer novos parâmetros para a educação no Estado de Goiás.

A Faculdade de Artes Visuais - FAV possui ainda cursos de especialização em arte contemporânea e um mestrado em Cultura Visual, indicando assim, a possibilidade de uma formação continuada aprofundada para os egressos da licenciatura proposta na modalidade educação a distância. A equipe de professores da unidade proponente tem uma larga experiência na área, estando afinado com as mais recentes tendências pedagógicas para o ensino de arte. Além do mais, esta equipe é qualificada, na sua maioria doutores, tendo os mesmos uma inserção nacional e internacional, com participações em congressos e seminários, publicações, etc.

4.1 Perfil do Curso

A concepção do Curso de Licenciatura em Arte Visuais Modalidade a Distância da UFG está pautada na formação de egressos capazes de atuarem eficazmente no contexto contemporâneo na correlação educação e visualidades de forma a compreender e interagir criticamente com as diversas manifestações visuais e entendê-las como fruto de determinados aspectos da arte e da cultura.

Além da formação específica para a educação básica, o curso Licenciatura em Artes Visuais, nesta modalidade, preocupa-se com a formação de profissionais aptos a atuarem em instituições culturais tais como museus, galerias, casas de cultura, ONGs, NTEs e outras situações onde arte tenha um papel sócio pedagógico importante a ser explorado.

Para tanto, o curso prevê sólida formação nas teorias pedagógicas e enfatiza o desenvolvimento do conhecimento nas áreas específicas da arte e da cultura, história e estética da arte, atelier de produção artística e de novas midias, valorizando a formação no campo das visualidades permitindo definir um perfil arte/educativo capacitado a atuar efetivamente nos contextos contemporâneas do ensino da arte.

O projeto pedagógico do curso busca valorizar a formação de atitudes de reflexão, de busca de inovações, de prospecção e criação de caminhos próprios que possam suprir as necessidades e permitir a atuação nos processos operacionais e decisórios sob a égide do conhecimento, da ética, da cidadania e da humanidade.

4.1.1 Concepção de Ensino a Distância

A concepção de ensino pela qual nos pautamos vai ao encontro do que propõe Filatro (2007), quando indica uma proposta que "valoriza o processo, e não uma educação feita à distância, que valoriza os extremos de produção e consumo". (p.52). Neste sentido, propomos espaços de mediação, integrando processos de educação on-line e educação a distância (EaD), na busca por ir além dos modelos instrucionistas, investimos em propostas construcionistas, ao enfatizar a interlocução entre os diferentes atores envolvidos.

Por educação a distância (EaD) compreendemos:

a) separação espacial e temporal entre docente e discente;
b) comunicação entre docente e discente mediada por recursos tecnológicos (não apenas as *TICs*);
c) não depende exclusivamente da comunicação *on-line;*
d) faz uso de comunicações unilaterais (um-para-muitos): TV analógica, rádio, cinema, imprensa; e, também, de comunicações bidirecionais e multidirecionais;
e) comunicação direta entre docente e discente em momentos de encontro presencial (há exceções).

Por educação on-line compreendemos:

a) ação sistemática de uso de *TICs*;
b) abrange dinâmicas de hipertexto e redes de comunicação interativa;
c) não há limitação de tempo ou lugar;
d) principal característica: mediação tecnológica pela conexão em rede;
e) comunicações bidirecionais (um-para-um): correio eletrônico, correio de voz, entre outros;
f) comunicações multidirecionais (muitos-para-muitos): fóruns, teleconferências, webconferências, ambientes cooperativos (síncronos e assíncronos), entre outros.

Os dois modelos se imbricam no desenvolvimento da nossa proposta pedagógica. Um novo paradigma se constrói e nele estamos inseridos, discentes, docentes e todos os envolvidos nessa dinâmica contemporânea de estudos propiciados por esta modalidade de ensino.

Essas reflexões são de extrema relevância para dar suporte aos alunos bem como incentivo às futuras turmas que virão, de que as relações e vivências no Ensino a Distância não são solitárias, pelo contrário, ao manusear a máquina os indivíduos, com todas as suas ações e relações, expressam, dialogam e, sobretudo se relacionam numa fusão de gerações.

As diretrizes do curso devem oportunizar uma formação do profissional do ensino de artes visuais privilegiando as dimensões profissionais, ética, política e cidadã. A proposta metodológica adotada, neste curso, tem como eixos orientadores as seguintes questões:

a) integração de saberes, fundamentos teóricos e princípios básicos dos campos de conhecimento;
b) compreensão crítica e social de espaços artísticos, educacionais e culturais bem como as dinâmicas que regem suas articulações;
c) desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico e criativo;
d) reflexão sobre os diferentes contextos vivenciados em espaços de trabalho e também nas esferas da cultura local e regional;

e) posicionamento reflexivo em relação a ações unilaterais, normativas ou doutrinárias;
f) inserção crítica dos licenciandos na esfera da compreensão e produção do saber.

4.1.2 Dinâmica Organizacional do Curso

A estrutura curricular do Curso esta organizada em quatro eixos temáticos. São eles:

a) Eixo Temático 1: Formação em Ensino de Arte; no qual conjugaremos a formação pedagógica, teórica e metodologia da relação educação e arte educação;
b) Eixo Temático 2: Cultura, tecnologias e diálogos; neste eixo colaremos em diálogo conteúdos da cultura e das tecnologias que dialoguem com o ensino de arte na contemporaneidade. Podemos dizer que as preocupações multiculturais e das tecnologias contemporâneas estão neste eixo;
c) Eixo Temático 3: Arte, estética e contextualização histórica; neste eixo temos a discussão dos aspectos históricos, estéticos, críticos da arte contextualizados na relação tempo/espaço;
d) Eixo Temático 4: Construção e compreensão dos processos artísticos. Este é o eixo das linguagens propriamente ditas, mas não privilegia apenas a construção prática. Os ateliês serão propostos de maneira que o fazer seja conectado com a compreensão dos processos construtivos em diferentes contextos.

O curso esta estruturado em 8 períodos letivos, organizados semestralmente, conforme calendário da Universidade e cronograma do Curso. Cada período letivo é composto por seis disciplinas, sendo estas representativas dos quatro eixos temáticos.

4.2 Perfil do Egresso

O Curso Licenciatura em Artes Visuais na Modalidade a Distância formará profissionais capazes para:

a) compreender as especificidades do trabalho educativo e artístico através das novas tecnologias;
b) elaborar e organizar conteúdos e práticas de ensino e aprendizagem para os níveis de modalidades da educação básica;
c) propor, conduzir e avaliar processos de criação, apreciação e crítica em artes visuais em diferentes contextos educativos;
d) contribuir para a implementação do projeto político-pedagógico da instituição em que atuará;
e) possuir uma sólida formação em Arte e Ensino de Arte e uma visão sistêmica e holística da sociedade e do mundo contemporâneo, que o habilite a compreender o meio social, político, econômico e cultural onde está inserido e assim tomar decisões em um contexto diversificado e interdependente;
f) propiciar consistente formação artística, cultural e científica para atuar nos contextos pedagógicos formais e não-formais, mas, principalmente, para refletir criticamente o seu papel como construtor de narrativas;
g) atuar de forma interdisciplinar, compreendendo a necessidade do contínuo aperfeiçoamento profissional e do desenvolvimento da autoconfiança.

O egresso da Licenciatura em Artes Visuais – EaD/UAB estará ainda, apto a desenvolver, entre outras, capacidade para internalizar valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional.

4.3 Competências e Habilidades do Egresso

O curso de Licenciatura em Artes Visuais deverá possibilitar aos egressos a formação profissional que revele as competências e habilidades para:

I- interagir com as manifestações culturais da sociedade da qual toma parte, demonstrando sensibilidade e excelência na criação, transmissão e recepção do fenômeno visual;
II- desenvolver pesquisa científica, artística e tecnológica em Artes Visuais, objetivando a criação, a produção, a compreensão, a crítica, a difusão, o ensino e o desenvolvimento da cultura visual;
III- atuar, de forma significativa, nas manifestações da cultura visual, instituídas ou emergentes;
IV- compreender o papel social das instituições educativas e os valores inspiradores da sociedade democrática;
V- atuar em diferentes espaços educacionais e culturais, especialmente em articulação com instituições de ensino da Educação Básica e específicas de Artes Visuais, demonstrando domínio do conhecimento artístico e pedagógico que será socializado, capacidade para elaborar os significados em diferentes situações e realizar a articulação interdisciplinar;
VI- estimular criações visuais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, meio de expressão e comunicação, objetivando o aprimoramento da sensibilidade estética dos diversos atores sociais;
VII- compreender e usar as diferentes linguagens visuais como representação simbólica de culturas locais, regionais e nacionais, propiciando reflexão sobre a identidade como processo em construção;
VIII- refletir sobre as artes visuais, suas linguagens, códigos e relações com a contemporaneidade e suas necessidades educacionais;
IX- compreender a construção do imaginário coletivo como elemento representativo das culturas de cada época e de suas visualidades;
X- aprimorar os processos de investigação e desenvolvimento profissional que possibilitem o aperfeiçoamento da prática artística e pedagógica, tendo por base princípios, conhecimentos, tecnologias e procedimentos acadêmicos.

5 ESTRUTURA CURRICULAR

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais – na modalidade EaD – do Programa Universidade Aberta do Brasil não terá exigência de disciplinas de núcleo livre. Sendo assim, das 2982 (duas mil novecentos e oitenta e duas) horas 1682 (mil seiscentos e oitenta e duas) horas correspondem ao núcleo comum e 1100 (mil e cem) horas ao núcleo específico, sendo todas elas obrigatórias. Segue o quadro indicativo desta estrutura:

ESTRUTURA DO CURSO	**CH**
Módulo Introdutório – EaD	132
Eixos Temáticos	
I. Formação em Ensino de Arte (inclui Estágio e TCC)	938
II. Cultura, tecnologias e diálogos	410
III. Arte, estética e contextualização histórica	442
IV. Construção e compreensão dos processos artísticos	860
Atividades Complementares	200
CARGA HORÁRIA TOTAL	**2982**

5.1 Matriz Curricular do Curso de Graduação em Artes Visuais - Licenciatura EaD

DISCIPLINA	UNIDADE RESPONS.	PRÉ-REQUISITO e/ou CO-REQUISITO (CR)	CHSemest.		CHT	NÚCLEO	NATUREZA	PCC*
			Teo.	Prát.				
1. Fundamentos da EaD	FAV		15	15	30	NC	Obrigatória	8
2. Princípios Norteadores da Educação	FAV		20	10	30	NE	Obrigatória	8
3. Tema Transversal: Leitura, interpretação e produção de texto	FAV		15	15	30	NC	Obrigatória	8
4. Organização e Gestão do Trabalho Pedagógico	FAV		30	12	42	NE	Obrigatória	8
5. Teorias da Educação	FAV		20	10	30	NE	Obrigatória	8
6. Fundamentos da Arte na Educação	FAV		30	12	42	NC	Obrigatória	8
7. Teorias da Arte e da Cultura	FAV		20	10	30	NC	Obrigatória	8
8. Arte e Cultura Visual	FAV		30	10	40	NC	Obrigatória	8
9. Pré-história a Idade Média	FAV		30	10	40	NC	Obrigatória	8
10. Ateliê de artes visuais: Linguagens bidimensionais (desenho e pintura)	FAV		12	80	92	NC	Obrigatória	16
11. Fundamentos Filosófico e Sócio Históricos da Educação	FAV		32	10	42	NE	Obrigatória	
12. História do Ensino das Artes Visuais no Brasil	FAV		20	10	30	NE	Obrigatória	8
13. Antropologia da Arte e da Imagem	FAV		20	10	30	NC	Obrigatória	8
14. Arte do Renascimento ao Neoclassicismo	FAV		20	10	30	NC	Obrigatória	8
15. Compreensão e Interpretação das Imagens	FAV		15	15	30	NC	Obrigatória	8
16. Ateliê Tridimensional	FAV		12	80	92	NC	Obrigatória	16
17. Pensamento e Investigação em Arte e Educação	FAV		20	10	30	NE	Obrigatória	8
18. Estética Visual	FAV		40	20	60	NC	Obrigatória	8
19. Imagem, percepção e aprendizagem.	FAV		20	10	30	NE	Obrigatória	8
20. Arte Moderna: do Romantismo ao Impressionismo	FAV		20	10	30	NC	Obrigatória	8

DISCIPLINA	UNIDADE RESPONS.	PRÉ-REQUISITO e/ou CO-REQUISITO (CR)	CHSemest.		CHT	NÚCLEO	NATUREZA	PCC*
			Teo.	Prát.				
21. História da Arte Brasileira séc. XVIII e XIX	FAV		40	20	60	NC	Obrigatória	8
22. Ateliê de Gravura: meio impresso/meio digital	FAV		12	80	92	NC	Obrigatória	16
23. História da Arte Brasileira – séc. XX	FAV		30	12	42	NC	Obrigatória	8
24. Cultura, Currículo e Avaliação em Arte	FAV		20	10	30	NE	Obrigatória	8
25. A Psicologia e a construção do conhecimento	FAV		20	10	30	NE	Obrigatória	8
26. Arte Moderna - Vanguardas Artísticas	FAV		20	10	30	NC	Obrigatória	8
27. Ateliê Interdisciplinar de Artes Visuais	FAV		12	80	92	NC	Obrigatória	16
28. Estágio Supervisionado I	FAV		72	20	92	NE	Obrigatória	
29. Políticas Educacionais para o Ensino de Artes no Brasil	FAV		30	12	42	NE	Obrigatória	8
30. Matrizes Culturais da Arte no Brasil	FAV		40	20	60	NC	Obrigatória	8
31. Metodologias para o Ensino de Artes Visuais	FAV		22	20	42	NE	Obrigatória	
32. Ateliê de Arte e Tecnologia I - Fotografia e Vídeo	FAV		12	80	92	NC	Obrigatória	16
33. Estágio Supervisionado II	FAV		62	30	92	NE	Obrigatória	
34. História da Arte Brasileira - Questões Contemporâneas	FAV		20	10	30	NC	Obrigatória	8
35. Psicologia da arte	FAV		20	10	30	NC	Obrigatória	8
36. Ensino de Arte e Necessidades Educacionais Especiais	FAV		20	10	30	NE	Obrigatória	8
37. Ateliê de Arte e Tecnologia II - Diálogos Intermidiáticos	FAV		12	80	92	NC	Obrigatória	16
38. Questões Multiculturais para o Ensino de Arte	FAV		20	10	30	NE	Obrigatória	8
39. Ateliê de Poéticas Visuais Contemporâneas	FAV		12	80	92	NC	Obrigatória	16
40. Estágio Supervisionado III	FAV		52	40	92	NE	Obrigatória	
41. Pesquisa e ensino de artes visuais	FAV		30	10	40	NE	Obrigatória	8
42. Trabalho de Conclusão de Curso I	FAV		30	30	60	NC	Obrigatória	

DISCIPLINA	UNIDADE RESPONS.	PRÉ-REQUISITO e/ou CO-REQUISITO (CR)	CHSemest.		CHT	NÚCLEO	NATUREZA	PCC*
			Teo.	Prát.				
43. Arte e Cultura na América Latina	FAV		40	20	60	NC	Obrigatória	8
44. Ateliê de Estéticas Urbanas	FAV		12	80	92	NC	Obrigatória	16
45. Estágio Supervisionado IV	FAV		46	46	92	NE	Obrigatória	
46. Produção de Portifólio	FAV		20	40	60	NC	Obrigatória	16
47. Pesquisa e ensino de artes visuais	FAV		30	10	40	NE	Obrigatória	8
48. Trabalho de Conclusão de Curso II	FAV		30	30	60	NC	Obrigatória	
49. Tópicos especiais para o Ensino de Artes I	FAV		30	30	60	NE	Obrigatória	8
50. Tópicos especiais para o Ensino de Artes II	FAV		30	30	60	NE	Obrigatória	8
51. Teorias da Arte da Cultura II	FAV		30	10	40	NC	Obrigatória	8
52. Estágio Supervisionado V	FAV		46	46	92	NE	Obrigatória	
53. Introdução a Língua Brasileira de Sinais - Libras	FL		14	50	64	NC	Obrigatória	16
Atividades Complementares								200
TOTAL								**2982**

PCC* - Prática como Componente Curricular

Carga Horária dos Núcleos, das Atividades Complementares e do Curso

Disciplinas do Núcleo Comum - Obrigatórias	1682 horas
Disciplinas do Núcleo Específico - Obrigatórias	1100 horas
Atividades Complementares	200 horas
Carga Horária Total do Curso	2982 horas

5.2 Fluxo Curricular do Curso de Artes Visuais Licenciatura EaD

Módulo Introdutório	
DISCIPLINA	**CHT**
Fundamentos da EaD	30
Princípios Norteadores da Educação	30
Tema Transversal: Leitura, interpretação e produção de texto	30
Organização e Gestão do Trabalho Pedagógico	42
Carga Horária Total Período	132 h

1º PERÍODO	
DISCIPLINA	**CHT**
Teorias da Educação	30
Fundamentos da Arte na Educação	42
Teorias da Arte e da Cultura	30
Arte e Cultura Visual	40
Pré-história a Idade Média	40
Ateliê de artes visuais: Linguagens bidimensionais (desenho e pintura)	92
Carga Horária Total Período	274 h

2º PERÍODO	
DISCIPLINA	CHT
Antropologia da Arte e da Imagem	30
Fundamentos Filosófico e Sócio Históricos da Educação	42
História do Ensino das Artes Visuais no Brasil	30
Arte do Renascimento ao Neoclassicismo	30
Compreensão e Interpretação das Imagens	30
Ateliê Tridimensional	92
Carga Horária Total Período	254h

3º PERÍODO	
DISCIPLINA	**CHT**
Pensamento e Investigação em Arte e Educação	30
Estética Visual	60
Imagem, percepção e aprendizagem.	30
Arte Moderna: do Romantismo ao Impressionismo	30
História da Arte Brasileira séc. XVIII e XIX	60
Ateliê de Gravura: meio impresso/meio digital	92
Carga Horária Total Período	302 h

4º PERÍODO	
DISCIPLINA	**CHT**
História da Arte Brasileira – séc. XX	42
Cultura, Currículo e Avaliação em Arte	30
A Psicologia e a construção do conhecimento	30
Arte Moderna - Vanguardas Artísticas	30
Ateliê Interdisciplinar de Artes Visuais	92
Estágio Supervisionado I	92
Carga Horária Total Período	316 h

5º PERÍODO	
DISCIPLINA	**CHT**
Políticas Educacionais para o Ensino de Artes no Brasil	42
Matrizes Culturais da Arte no Brasil	60
Metodologias para o Ensino de Artes Visuais	42
Ateliê de Arte e Tecnologia I - Fotografia e Vídeo	92
Estágio Supervisionado II	92
História da Arte Brasileira - Questões Contemporâneas	30
Carga Horária Total Período	358 h

6º PERÍODO	
DISCIPLINA	**CHT**
Psicologia da arte	30
Ensino de Arte e Necessidades Educacionais Especiais	30
Ateliê de Arte e Tecnologia II - Diálogos Intermidiáticos	92
Questões Multiculturais para o Ensino de Arte	30
Ateliê de Poéticas Visuais Contemporâneas	92
Estágio Supervisionado III	92
Carga Horária Total Período	366 h

7º PERÍODO	
DISCIPLINA	**CHT**
Pesquisa e ensino de artes visuais	40
Trabalho de Conclusão de Curso I	60
Arte e cultura na América Latina	60
Ateliê de Estéticas Urbanas	92
Estágio Supervisionado IV	92
Produção de Portifólio	60
Carga Horária Total Período	404 h

8º PERÍODO	
DISCIPLINA	**CHT**
Trabalho de Conclusão de Curso II	60
Tópicos Especiais para o Ensino de Artes I	60
Tópicos Especiais para o Ensino de Artes II	60
Teorias da Arte da Cultura II	40
Estágio Supervisionado V	92
Introdução a Língua Brasileira de Sinais - Libras	64
Carga Horária Total Período	376 h

5.3 Ementário das Disciplinas, com Bibliografias Básica e Complementar

Módulo Introdutório

PRINCÍPIOS NORTEADORES DA EDUCAÇÃO

Ementa: Compreender a educação como uma prática social que se dá nas relações que os homens estabelecem entre si, nas diversas instituições e movimentos sociais, sendo, portanto, constituinte e constitutiva dessas relações.

Bibliografia Básica:

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 43 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MORIN, E. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2007.

HENGEMÜHLE, Adelar. Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação. Petrópolis: Vozes, 2007.

Bibliografia Complementar:

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998.
BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
GARCIA CANCLINI, Nestor. Culturas hibridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ed. - São Paulo: EDUSP, 2003.
HARVEY, David; SOBRAL, Adail Ubirajara; GONÇALVES, Maria Stela. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural 21. Ed São Paulo: Loyola, 2011.

FUNDAMENTOS DE EAD

Ementa: História da educação à distância; Como aprender a aprender em educação a distância; características pedagógicas e tecnológicas, possibilidades e limitações dos ambientes virtuais de aprendizagem.

Bibliografia Básica:

BALLAI, Roberto. Educação a distância. Niterói, RJ: Centro Educacional de Niterói, 1991.
BARBOSA, Rommel Melgaço. Ambientes virtuais de aprendizagem. Porto Alegre: ARTMED, 2005.
BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância. 4.ed.São Paulo: Autores associados, 2003.

Bibliografia Complementar:

NISKIER, Arnaldo. Educação a distância a tecnologia da esperança: política e estratégias para a implantação de um sistema nacional de educação aberta e a distância. 2ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
EDUCACAO à distância Niterói, RJ: Centro Educacional de Niterói, 1991.
EDUCAÇÃO à distância ressignificando práticas. Brasília: Líber Livro, 2005.
BORBA, Marcelo de Carvalho. Educação a distância online. 3. Ed. São Paulo: Autêntica, 2011.
DEMO, Pedro. A educação do futuro e o futuro da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TEMA TRANSVERSAL: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTO

Ementa: Estudo comparativo e produção das diferentes modalidades de texto: informativo, persuasivo e lúdico. Leitura sistemática de seus suportes literários e midiáticos, com vistas à identificação dos pontos de confluência e interação que os interpretem em suas dimensões referencial e simbólica. Abordagem interdisciplinar que abrange os diversos níveis de apreensão da linguagem enquanto processo socioeconômico, estético e cultural na sociedade contemporânea.

Bibliografia Básica:

BURKE, Peter; PAULA, Sergio Goesde. O que é história cultural?. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
CUCHE, Denys. A Noção de Cultura nas Ciências Sociais. Bauru: EDUSC, 2002.
CUNHA, Luiz Antônio. O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: FLASCO, 2000.

Bibliografia Complementar:

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998.
MELLO, Ana Maria. O educador como gestor de espaços educacionais. Brasilia: Gerau, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 2011.
KOCH, IngedoreGrunfeld Villaça. Ler e compreender os sentidos do texto. 3. ed. - São Paulo: Contexto, 2009.
KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 22. Ed São Paulo: Loyola, 2012.

ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Ementa: O trabalho pedagógico na sociedade capitalista: história, modos de produção, relações de produção; A escola no capitalismo. Organização, gestão dos processos educativos, o trabalho docente; A gestão escolar democrática nas políticas educacionais: concepções de gestão e organização da escola; A escola como cultura organizacional: o projeto político-pedagógico coletivo e o trabalho do professor.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos 6ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
CANDAU, Vera Maria. A didática em questão. Petrópolis: Vozes, 2013.
XAVIER, Maria Elizabete S. P. (Maria Elizabete Sampaio Prado) Capitalismo e escola no Brasil: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931-1961). Campinas: Papirus, 1990.

Bibliografia Complementar:

FERNANDEZ ENGUITA, Mariano. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Medicas, 1989.
PINTO, Umberto de Andrade. Pedagogia escolar: coordenação pedagógica e gestão educacional. São Paulo: Cortez, 2011.

DALBEN, Angela Imaculada Loureiro de Freitas. Conselhos de classe e avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola. 3.ed. - Campinas, SP : Papirus, 2006.
VEIGA, Ilma Passos Alencastro; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves de (Org.) Escola: espaço do projeto político-pedagógico. 17. Ed Campinas: Papirus, 2013.
VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. 21ª. Ed São Paulo (SP): Libertad, 2010.

Eixo 1 – Formação Em Ensino de Arte

TEORIAS DA EDUCAÇÃO

Ementa: Relações gerais entre arte, cultura e educação na perspectiva contemporânea para o ensino de artes visuais.

Bibliografia Básica:

HERNANDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos do trabalho. Porto Alegre: Editora ARTMED, 1998.
SANTOS, R. dos; TRINDADE, A. L. Multiculturalismo mil e uma faces da escola.3.Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
MASON, Rachel; RICHTER, Ivone Mendes. Por uma arte-educação multicultural. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

Bibliografia Complementar:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Em campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular. São Paulo: Cortez, 1995.
FERREIRA, José Herculano. Materiais populares na educação artística. 2.Ed., rev. - Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura, 1983.
MARIA, Santa; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Arte, educação e cultura. RS : Ed. da UFSM, 2007.
BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 3.Ed.- São Paulo: Perspectiva, 1992.
CUNHA, Fernanda Pereira da. E-arte / educação: educação digital critica. São Paulo; Brasília, DF: Annablume : CAPES, 2012.

FUNDAMENTOS DA ARTE NA EDUCAÇÃO

Ementa: Arte, experiência, estética e atividade pedagógica; Concepções sobre criatividade e expressão artística; Arte e escolarização; Funções da arte na educação; Características e especificidades do profissional do ensino da arte.

Bibliografia Básica:

ROSSI, Maria Helena Wagner; CAPRA, Carmen Lúcia Caderno de casos ensino de artes visuais Caxias do Sul : EDUCS, 2004.
MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. Didática no ensino da arte: a língua do mundo, poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FDT, 1998.
KIVY, Peter. Estética - Fundamentos e questões de filosofia da arte. Paulus Editora, 2008.

Bibliografia Complementar:

READ, Herbert. Educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
CAMPOS, Neide Pelaez de. A Construção do olhar estético - crítico do educador. Florianópolis: COMPED: INEP, 2002.
O ENSINO de artes visuais desafios e possibilidades contemporâneas. Edvania Braz Teixeira Rodrigues, Henrique Lima Assis. Goiânia: Secretaria da Educação do Estado de Goiás, 2009.
A ARTE como processo na educação. Maria de Lourdes Nader Pereira. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.
CHAVES, Idália Sá. A construção de conhecimento pela análise reflexiva da práxis. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2002.

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO

Ementa: A educação como processo social; a educação brasileira na experiência histórica do ocidente; a ideologia liberal e os princípios da educação pública; sociedade, cultura e educação no Brasil; os movimentos educacionais e a luta pelo ensino público no Brasil, a relação entre a esfera pública e privada no campo da educação e os movimentos da educação popular.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos Arte - Educação no Brasil 6.ed. São Paulo : Perspectiva, 2010.
FRANÇA, Fernando Cesar Teixeira. Criação e dialética: o pensamento historico-politico de Cornelius Castoriadis.São Paulo: EDUSP: FAPESP: Brasiliense, 1996.
NUNES, Benedito. A filosofia contemporânea. São Paulo: Ática, 1991.

Bibliografia Complementar:

YOUNG, Michael F. D. O currículo do futuro: da nova sociologia da educação a uma teoria crítica do aprendizado. Campinas: Papirus, 2000.
ABAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
GOLDMANN, Lucien. A criação cultural na sociedade moderna: por uma sociologia da totalidade. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
HEINICH, Nathalie. A sociologia da arte. Bauru, SP: EDUSC, 2008.
GOHN, Maria da Gloria Marcondes. Movimentos sociais e educação. 6. Ed.- São Paulo: Cortez, 2005.

HISTÓRIA DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO BRASIL

Ementa: Percursos históricos das concepções e práticas de ensino de arte; As organizações de ensino e as academias de Belas Artes; Ênfases conceituais e práticas no ensino de arte; A Escola Nova e o movimento Escolinhas de Arte do Brasil; Concepções modernas e pós-modernas sobre ensino de arte; Arte nas instituições de ensino superior.

Bibliografia Básica:

HISTORIA geral da arte no Brasil Walter Zanini São Paulo : Instituto Walter Moreira Salles: Fundação Djalma Guimarães, 1983.
COSTA, Cacilda Teixeira da Livros de artes no Brasil São Paulo: Itaú Cultural, 2000.
DUQUE, Gonzaga; CHIARELLI, Tadeu. A arte brasileira. Campinas, SP: Mercado de Letras, c1995.

Bibliografia Complementar:

ORMEZZANO, Graciela. Questões de Artes Visuais. UPF EDITORA, 2004.
PEREIRA, Katia Helena. Como usar Artes Visuais na sala de Aula. Editora: CONTEXTO, 2007.
BUORO, Anamelia Bueno. Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo: EDUC, 2002.
A ABORDAGEM triangular no ensino das artes e culturas visuais São Paulo: Cortez, 2010.
O ENSINO das artes construindo caminhos Sueli Ferreira 5.ed. São Paulo: Papirus, 2007.

CULTURA, CURRÍCULO E AVALIAÇÃO EM ARTE

Ementa: Relações entre cultura, arte e currículo; Cultura institucional e institucionalização do ensino de arte; Escola, currículo e cultura do cotidiano; Significação social e cultural do ensino e aprendizagem da arte; Interdisciplinaridade e multiculturalidade; Currículo e poder; Concepções da arte enquanto: a) disciplina, b) educação estética, e c) cultura; Avaliação de ensino e aprendizagem.

Bibliografia Básica:

SANTOMÉ, J. T. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.
LOPES, Alice Ribeiro Casemiro e MACEDO, Elizabeth Fernandes de. Currículo: debates Contemporâneos. Editora: CORTEZ, 2010.
BRAGA, Maria A. de R. As interfaces da profissão docente: formação, trabalho, práticas, currículos e avaliação. ARARAQUARA: Junqueira & Marin, 2012.

Bibliografia Complementar:

SILVA, Tomaz T. de. O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
OAIGEN, Edson Roberto. Atividades extraclasse e não formais: uma política para a formação do pesquisador. Chapecó: Grifos, 1996.
GOODSON, Ivor. Currículo: teoria e história Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). Escola, currículo e avaliação. 4ª. Ed São Paulo: Cortez, 2013.
GIMENO SACRISTÁN, José. O currículo: uma reflexão sobre a pratica. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA O ENSINO DE ARTES NO BRASIL

Ementa: Formulações de políticas para o ensino de artes no Brasil, leis, resoluções, documentos: PCN-artes (ensino médio e fundamental), Diretrizes Curriculares para o Ensino Superior. Mapeamento e reflexão crítica da função do ensino de arte nos projetos governamentais: PETI, Pro-Jovem, EAJA Pro-Jovem, EAJA, Acelera, etc.

Bibliografia Básica:

CAMARGO, Isaac Antonio. Vertentes para o Ensino em Arte Visual: em busca de caminhos possíveis. Londrina: Editora da UEL, 1997.
PORCHER, Luis (Org). Educação Artística – Luxo ou Necessidade? São Paulo: Summus, 1982.
Pillar, Analice Dutra.A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 2006.

Bibliografia Complementar:

COSTA, Cristina. **Arte:** resistências e rupturas: ensaios de arte pós-clássica. São Paulo: Moderna, 1998.
CASTRO, Claudio de Moura. Educação brasileira: consertos e remendos. Nova edição revista. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

CASTRO, Claudio de Moura. A prática da pesquisa. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
PEREIRA, Maria de Lourdes Mader. A arte como processo na educação. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.
TATIT, Ana; MACHADO, Maria Silvia Monteiro. 300 propostas de artes visuais. 3Ed. São Paulo: Loyola, 2006.

QUESTÕES MULTICULTURAIS PARA O ENSINO DE ARTE

Ementa: Cultura como perspectiva de análise de processos de ensino e aprendizagem da arte; Pós-modernidade, estética do cotidiano e reflexão contemporânea sobre princípios e funções da arte na educação.

Bibliografia Básica:

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Arte, Educação e Cultura.Santa Maria: Editora UFSM, 2007.
HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.
SANTAELLA, Lúcia. (Arte) & (cultura): equívocos do elitismo. 3. Ed. - São Paulo: Cortez, 1995.

Bibliografia Complementar:

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11Ed. Rio de Janeiro (RJ): DP & A, 2006.
ORTEGA Y GASSET, José; ARAÚJO, Ricardo. A desumanização da arte 3.Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
CASTELHANO, Valdete Júlio de Carvalho; JORDAO, Teresa Cristina. A educação a distância encurtando distância. Angulo Lorena, SP, 2007.
COSTA, G.G. da; COSTA, G.G. da. A arte e a crítica na pós-modernidade (des) caminhos. Universidade e sociedade (Brasília) Brasília, DF 9 20 p.125-130 1999.
COSTA, V. F.; COSTA, V. F. A arte e a história da arte caminhos e descaminhos na pós-modernidade. Revista de divulgação cultural Blumenau, SC 24 76 p.56-68 2002.
CORREA, Ayrton Dutra. Ensino das Artes múltiplos olhares. RS: Ed. UFSM, 2007.

ENSINO DE ARTE E NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Ementa: Conceitos e caracterização de educação especial; Enfoques teóricos sobre as relações entre arte, educação e saúde; Criatividade e processos de criação na educação especial; Desenvolvimento da expressão e representação plásticas de portadores de necessidades de educação especial; Análise de projetos.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.) Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2012.
BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Arte - Educação no Brasil. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

Bibliografia Complementar:

BUENO, Jose Geraldo Silveira. A educação especial nas universidades brasileiras. Brasília, D.F.: Secretaria de Educação Especial, 2002.
CARVALHO, Rosita Edler. A nova LDB e a educação especial. 4. ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: WVA, 2007.
ORRÚ, Silvia Ester. Autismo, linguagem e educação. Interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2007.
SIAULYS, Mara O. Campos. Brincar para todos. São Paulo: Lamara, 2005.
REZENDE, Hamilton Jose Amorim; NOGUEIRA, Monique Andries. Criar: uma condição humana contribuição para a educação especial. Goiânia: UFG. 27f.

METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS

Ementa: Relações entre metodologia, conteúdo e prática de ensino; O método como parte do processo de planejamento do ensino de arte; Análises metodológicas para o ensino de artes visuais: DBAE, Abordagem Triangular, Fel. Ott, etc.

Bibliografia Básica:

BECKER, Fernando Marques. Ser Professor é ser Pesquisador. Porto Alegre, RS: Ed. Mediação, 2010.
MACIEL, L.S, B.; SHIGUNOV NETO, A. (Orgs.). Desatando os nós da Formação Docente. Porto Alegre: Mediação, 2002.
BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

Bibliografia Complementar:

NÓVOA, A. ESTRELA, A. Avaliações em educação Novas perspectivas. Editora Porto, 1993.
TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2011.
GUIMARAES, Valter Soares; PIMENTA, Selma Garrido. Saberes docentes e identidade profissional - A formação do professor na Universidade Federal de Goiás. São Paulo, 2001.
MATOS, Henrique Cristiano Jose. Aprenda a estudar: orientações metodológicas para o estudo. 3 Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
BECKER, Howard Saul. Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PESQUISA E ENSINO DE ARTES VISUAIS

Ementa: Especificidade e abrangências da pesquisa em ensino de arte; Temas de investigação e aspectos da elaboração de projetos de investigação; Relações entre tema, objetivos e metodologia na pesquisa; Leitura e análise de trabalhos de pesquisa no ensino de arte.

Bibliografia Básica:

ANDRÉ, Marli (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas, SP: Papirus, 2008.
IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. São Paulo: ARTMED, 2003.
LÜDKE, M. Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2004.

Bibliografia Complementar:

GATTI, Bernardete A. A construção da pesquisa em educação no Brasil. 3.Ed,Brasília (DF): Líber Livro, 2010.
PEREIRA, Maria de Lourdes Nader. A arte como processo na educação. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.
BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Arte - Educação no Brasil. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
SEMINARIO MULTIDISCIPLINAR DE ESTUDO E PESQUISA EM ARTE E EDUCACAO, (1.:2011 : São Paulo). Anais do I Seminário de Estudos e Pesquisa em Arte e Educação: processos de criação na educação e nas artes.São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 2012.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTES VISUAIS I

Ementa: Memorial acadêmico, mapeamento das práticas educativas de artes visuais no contexto educacional da região, abordagens pedagógicas para o ensino de artes visuais, elaboração e desenvolvimento de proposta de intervenção nos níveis de ensino da educação infantil, ensino fundamental e ensino médio e educação especial.

Bibliografia Básica:

CANDAU, Vera Maria. Reinventar a escola. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
DENZIN, Norman K. e LINCOLN, na S. O planejamento da pesquisa qualitativa: pesquisa e prática. Tradução Sandra Regina Netz. – Porto Alegre: Artmed, 2006.
LIBÂNEO, José Carlos e OLIVEIRA, João Ferreira. Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. Editora Cortez, 2012.

Bibliografia Complementar:

FRANZ, Teresinha Sueli; HERNANDEZ, Fernando. Educação para uma compreensão crítica da arte. Florianópolis: Insular, 2001.
HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho. 5. ed. - Porto Alegre: Artes Medicas, 1998.
CHAVES, Sandramara Matias; LIBÂNEO, José Carlos (Orient.). A avaliação da aprendizagem no ensino fundamental: realidade e possibilidades. Goiânia, 1993.
CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.
FAQUETI, M .F.; OHIRA, M. L. B. A internet como recurso na educação contribuições da literatura. Revista ACB. Florianópolis, SC 4 4 p.47-63 1999.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTES VISUAIS II

Ementa: Revisão e aprofundamento do processo da etnografia do campo escolar. Metáforas de conexão da experiência etnográfica. A sala de aula como reflexo da imersão nos conteúdos e nas rotinas e conflitos pedagógicos no espaço da sala de aula. Discussão de abordagens pedagógicas para o ensino de artes visuais correlacionadas ao contexto do estágio. Planejamento, desenvolvimento e avaliação de proposta de intervenção em artes visuais.

Bibliografia Básica:

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.
BORBA, Marcelo de Carvalho; MALHEIROS, Ana Paula dos Santos; ZULATTO, Rúbia Barcelos Amaral. Educação a distância online. 2.Ed. São Paulo: Autentica, 2008.
NUNES, João Batista Carvalho; OLIVEIRA, Luisa Xavier de. Formação de professores para as tecnologias digitais software livre e educação à distância.Brasília : Líber Livro, 2013.

Bibliografia Complementar:

GIMENO SACRISTÁN, José. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3.ed.- Porto Alegre: ARTMED, 2000.
DEMO, Pedro; VIEIRA, Leociléa Aparecida. Metodologia da investigação em educação. Curitiba: IBPEX, 2005.
BEHAR, Patricia Alejandra. Modelos pedagógicos em educação a distância Porto. Alegre: ARTMED, 2009.
CANDAU, Vera Maria. Reinventar a escola. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
LIBÂNEO, José Carlos e OLIVEIRA, João Ferreira. Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. Editora Cortez, 2012.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTES VISUAIS III

Ementa: Formação, estágio e o ensino de arte. A cidade enquanto espaço de possibilidades educativas. Aprofundamento do exercício etnográfico para contextos de situação não formal. Revisão e aprofundamento do processo da etnografia do campo escolar. Metáforas de conexão da experiência etnográfica. A sala de aula como reflexo da Imersão nos conteúdos e nas rotinas e conflitos pedagógicos no espaço da sala de aula. Discussão de abordagens pedagógicas para o ensino de artes visuais correlacionadas ao contexto do estágio. Planejamento, desenvolvimento e avaliação de proposta de intervenção em artes visuais.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (Orgs.). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
SILVA, Tomaz Tadeu e MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs.). Currículo Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 2008.
TELLES, Lygia Fagundes. A invenção e memória. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Bibliografia Complementar:

CARRETERO, Mario et al. Ensino da História e memória coletiva. Porto Alegre: ARTMED, 2007.
TELLES, Lygia Fagundes. A invenção e memória. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
CANDAU, Vera Maria. Reinventar a escola. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
DEMO, Pedro; VIEIRA, Leociléa Aparecida. Metodologia da investigação em educação. Curitiba: IBPEX, 2005.
LIBÂNEO, José Carlos e OLIVEIRA, João Ferreira. Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. Editora Cortez, 2012.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTES VISUAIS IV

Ementa: Estudo de projetos de trabalho para o ensino de arte. Dinâmicas da escola e de outros contextos educativos e suas implicações para o desenvolvimento de projetos. Interrelação entre arte e outras disciplinas. Avaliação de projetos de ensino e de aprendizagem.

Bibliografia Básica:

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).
ANDRÉ, Marli Elisa D. A. OLIVEIRA, Maria Rita N. S. (Orgs.). Alternativas do ensino de didática. Campinas, SP: Papirus, 2010.
CARRETERO, Mario et al. Ensino da História e memória coletiva. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

Bibliografia Complementar:

LOPES, A. R. "Organização do Conhecimento Escolar: Analisando a Disciplinaridade e a Integração. In: Linguagens, Espaços E Tempos No Ensinar e Aprender. Vera Maria Candau (Org.). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.
DEMO, Pedro; VIEIRA, Leociléa Aparecida. Metodologia da investigação em educação. Curitiba: IBPEX, 2005.
LIBÂNEO, José Carlos e OLIVEIRA, João Ferreira. Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. Editora Cortez, 2012.
HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho. 5. ed. - Porto Alegre: Artes Medicas, 1998.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTES VISUAIS V

Ementa: Revisão e adaptação de projetos em relação a contextos e sujeitos. Interrelação entre arte e outros campos de conhecimento.

Bibliografia Básica:

ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (Orgs). Invenção da Escola a cada dia. Rio de Janeiro: Ed. Dp&a, 2010.
PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino das artes. 4.ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
ZABALA, A. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Bibliografia Complementar:

KENSKI, V. M. "Múltiplas Linguagens Na Escola". In: Linguagens, Espaços E Tempos no Ensinar e Aprender. Vera Maria Candau (Org.). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
ANDRÉ, Marli Elisa D. A. OLIVEIRA, Maria Rita N. S. (Orgs.). Alternativas do ensino de didática. Campinas, SP: Papirus, 2010.
BEHAR, Patricia Alejandra. Modelos pedagógicos em educação a distância Porto. Alegre: ARTMED, 2009.
ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (Orgs.). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
LIBÂNEO, José Carlos e OLIVEIRA, João Ferreira. Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. Editora Cortez, 2012.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Ementa: Orientação, acompanhamento, planejamento e elaboração de trabalho monográfico ou artístico-pedagógico a ser apresentado no final do curso.

Bibliografia Básica:

STEIN, Suzana Albornoz. O que e trabalho. 5a ed. - São Paulo: Brasiliense, 1992.
ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho? Ensaios Sobre As Metamorfoses Do Mundo Do Trabalho. 6ª.Ed., São Paulo: Cortez, 2011.
ANTUNES, Ricardo. Os Sentidos do Trabalho: Ensaio Sobre a Afirmação e a Negação do trabalho. 2a. Ed., São Paulo: Boitempo, 2009.

Bibliografia Complementar:

FERREIRA, Naura C. (Org.) Gestão Democrática da Educação: Atuais Tendências, Novos Desafios. São Paulo: Cortez, 2006.
STEIN, Suzana Albornoz. Educação: reflexões e pratica. São Paulo: Herder, 1969.
OLIVEIRA, Carlos Roberto de. História do Trabalho.4a. ed. São Paulo: Ática, 1998. Série Princípios.
MENDONÇA, Alzino Furtado de et AL. Metodologia científica: guia para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos. Goiânia: Faculdades Alves Faria, 2003.
GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 12. ed Rio de janeiro: São Paulo: Record, 2011.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Ementa: Orientação, acompanhamento, planejamento e elaboração de trabalho monográfico ou artístico-pedagógico a ser apresentado no final do curso.

Bibliografia Básica:

LIBÂNEO, José Carlos e OLIVEIRA, João Ferreira. Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. Editora Cortez, 2012.
GUTIERREZ PEREZ, Francisco; PRIETO CASTILLO, Daniel. A mediação pedagógica: educação a distância alternativa. Campinas, SP: Papirus, 1994.
ELLONI, Maria Luiza. Educação a distância. Campinas: Autores Associados, c1999.

Bibliografia Complementar:

FERRETI, Celso J., Silva Jr, João Dos Reis E Oliveira, Maria Rita N. S. Trabalho, Formação e Currículo – Para Onde Vai a Escola? São Paulo: Xamã, 1999.
MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. Currículos e programas no Brasil. 4. ed. - Campinas; Papirus, 1999.
MARQUES, M. A. de R. B. As interfaces da profissão docente: formação, trabalho, práticas, currículos e avaliação. ARARAQUARA: Junqueira&Marin, 2012.
OLIVEIRA, Carlos Roberto de. História do Trabalho . 4ª. ed, São Paulo: Ática, 1998. Série Princípios.
MENDONÇA, Alzino Furtado de et AL. Metodologia científica: guia para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos. Goiânia: Faculdades Alves Faria, 2003.

TÓPICOS ESPECIAIS PARA O ENSINO DE ARTE I

Ementa: Espaço aberto para discussões de tópicos especiais para o ensino de artes visuais com vista a enriquecer a formação na licenciatura em Artes Visuais garantindo a verticalização do interesse de cada aluno.

Bibliografia Básica:

PARENTE, André (Org.). Narrativa e Modernidade: os caminhos não – narrativos do pós-guerra. Campinas-SP: Papirus, 2000.
SERPA, Élio Cantalício. Narrativas da modernidade: historia, memória e literatura. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.
BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Bibliografia Complementar:

CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z (Orgs). Paisagem, tempo e cultura. EDUERJ: Rio de Janeiro, 2004.
AIRASIAN, Peter W.; WOLF, Richard M.; HALLER, Emil J. Avaliação educacional: planejamento, análise de dados, determinação de custos. Petrópolis: Vozes, 1977.
OSBORNE, Harold. Estética e teoria da arte: uma introdução histórica. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1983.
BERGER, John. Modos de ver. Lisboa: Edições 70, 1999.
BAUMAN, Zygmunt. 44 cartas do mundo líquido moderno. Rio de janeiro: Zahar, 2011.

TÓPICOS ESPECIAIS PARA O ENSINO DE ARTE II

Ementa: Espaço aberto para discussões de tópicos especiais para o ensino de artes visuais com vista a enriquecer a formação na licenciatura em Artes Visuais garantindo a verticalização do interesse de cada aluno.

Bibliografia Básica:

BENEVOLO, Leonardo. História da Arquitetura Moderna. São Paulo, Perspectiva, 2006.
FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo: relatos de uma professora. 16. ed. - São Paulo : Paz e Terra, 2003.
SHISLER, Millard. Revelação em preto e branco. São Paulo: Martins fontes, 1995.

Bibliografia Complementar:
VASQUEZ, Pedro Karp. A fotografia do império. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
COTTON, Charlotte. A fotografia como arte contemporânea. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
VINAOFRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustin. Currículo, Espaço e Subjetividade: a Arquitetura como Programa, DP&A EDITORA,2001.
BERGER, John. Modos de ver. Lisboa: Edições 70, 1999.
PARENTE, André (Org.). Narrativa e Modernidade: os caminhos não – narrativos do pós-guerra. Campinas-SP: Papirus, 2000.

Eixo 2 – Cultura, Tecnologia e Diálogo

TEORIAS DA ARTE E DA CULTURA
Ementa: Teorias clássicas de arte e cultura; O popular e o erudito; Folclore; Alta Cultura, cultura popular, cultura de massas; Estudos clássicos da etnografia; Arte, estilo e contextos; Teorias Contemporâneas da arte e da Cultura.

Bibliografia Básica:
BADIOU, Alain. Pequeno manual de inestética. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
CONNOR, Steven. Teoria e valor cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
CONNOR, Steven. Cultura pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

Bibliografia Complementar:
JIMENEZ, Marc. O que é estética? São Leopoldo (RS): EdUNISINOS, 1999. Coleção Focus, n3.
SEKEFF, Maria e ZAMPRONHA, Edson. Arte e cultura: estudos interdisciplinares. São Paulo: Annablume:FAPESP, 2001.
BOURDIEU, Pierre. Cultura e subjetividade: saberes nômades Pierre Bourdieu 5 Campinas: Papirus, 2006.
BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
CALABRESE, Omar. A linguagem da arte. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

Matrizes Culturais da Arte no Brasil
Ementa: Estudo das visualidades dos traços estéticos culturais de diferentes povos na formação da nossa arte; Sincretismos, retenções, permanência e hibridismos das três matrizes na arte brasileira; O Museu Afro-Brasileiro e demais espaços do gênero; A presença dos aspectos da herança africana e indígena na produção artística no Brasil; Espaço da cultura afro-brasileira e indígena no ensino de artes visuais; Discussão da lei 10.639/03 que torna obrigatório o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Bibliografia Básica:
ALMEIDA, Miguel Vale de. Um mar da cor da terra: raça, cultura e política da identidade. Oeiras: Celta, 2000.
CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. 2 ed. trad: Klauss Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
EAGLETON, Terry. A idéia de cultura. São Paulo: UNESP, 2005.

Bibliografia Complementar:
GILROY, Paul. O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência. Rio de Janeiro: Editora 34/UCAM — Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
COUTINHO, Carlos Nelson. Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas. 3. ed. rev. e ampl. - Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2010.
LARAIA, Roque de Barros, 1932-. Cultura: um conceito antropológico. 24.ed Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
BURITY, Joanildo A. Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares Joanildo A Burity Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ARTE E CULTURA VISUAL
Ementa: Diferentes perspectivas teóricas e metodológicas; Educação das artes visuais e o campo de estudos da cultura visual; A metáfora do rizoma; Imagens e visualidades; intercruzamentos de diferentes disciplinas; Usos e apropriações dos meios visuais contemporâneos; Consequências para o ensino/aprendizagem em artes.

Bibliografia Básica:
CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. 6 São Paulo: Paz e Terra, 2008.
HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediacão, 2007.
EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. São Paulo: UNESP, 2005.

Bibliografia Complementar:

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 13.ed São Paulo: Cortez, 2010.
ALMEIDA, Miguel Vale de. Um mar da cor da terra: raça, cultura e política da identidade. Oeiras: Celta, 2000.
SHUSTERMAN, Richard. Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estetica popular São Paulo: Ed.34, 1998.
GILROU, Paul. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. 34 : UCAM, 2001.
ADORNO, Theodor. W; MORÃO, Artur. Experiência e criação artística: Paralipómenos à teoria estética. Lisboa: Edições 70, 2003.

A PSICOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Ementa: O Processo de Aprendizagem e o Desenvolvimento Psicológico do Aluno e do Professor; Aspectos psicológicos e relacionais dos processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Bibliografia Básica:

ARNHEIM, Rudolf. Intuição e Intelecto na Arte. São Paulo:Martins Editora, 2004.
BRONOWSKI, Jacob. Arte e conhecimento: ver, imaginar,criar.São Paulo: Martins Fontes, 1983.
PILLAR, Analice Dutra. Desenho e Construção de Conhecimento na Criança. Porto Alegre, RS: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1996.

Bibliografia Complementar:

SANS, Paulo Cheida. Pedagogia do desenho infantil. 2.ed. - Campinas: Alinea, 2007.
VYGOTSKII, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
FERREIRA, S. O ensino das artes construindo caminhos. 9.ed. São Paulo: Papirus, 2010.
FERRAZ, Maria Heloisa Correa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Resende. Metodologia do ensino de arte**.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
OLSON, David R. Cultura escrita e oralidade. São Paulo: Ática, 1995.

IMAGEM, PERCEPÇÃO E APRENDIZAGEM

Ementa: Abordagens teóricas sobre percepção; Imagem e sentido; Relações entre: imagem, memória, intuição e intenção artística.

Bibliografia Básica:

ARCHER, Michael. Arte Contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
ECO, Humberto. Obra aberta: forma e identificação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2003.
SANTAELLA, Lúcia; NOTH, Winfried. Imagem: cognição, semiótica, mídia. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

Bibliografia Complementar:

PAIVA, Eduardo França. História e Imagens. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
BERGER, J. Modos de ver. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
GARDNER, Howard. Mentes que mudam: a arte e a ciência de mudar as nossas idéias e as dos outros. Porto Alegre: Bookman: ARTMED, 2005.
PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 2009.
AUMONT, Jacques. A imagem. 13.ed. Campinas: Papirus, 2008.

PENSAMENTO E INVESTIGAÇÃO EM ARTE E EDUCAÇÃO

Ementa: Discussão sobre a especificidade do pensamento em arte e educação; Características da investigação do processo artístico; Interrelação entre a linguagem discursiva, a linguagem cientifica e a linguagem presentacional da arte.

Bibliografia Básica:

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. Etnografia da Prática escolar. Campinas: Papirus, 2011.
DENZING, Norman; LINCOLN, Yvonna. (Eds.) The Landscape of Qualitative Research – Theories and Issues. London: Sage, 2003.
FLICK, Uwe. Uma introdução à Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2009.

Bibliografia Complementar:

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
ESTEBAN, Maria Paz Sandín. Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.
GUIMARÃES, Leda Maria de Barros; BARBOSA, Ana Mãe Tavares Bastos. Entre a universidade e a diversidade a linha vermelha do ensino da arte. Goiânia, 2005.
GARCIA, Regina Leite. Método pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho. A formação do professor do ensino superior. 2. ed. atual. - São Paulo: Pioneira, 2000.

ANTROPOLOGIA DA ARTE E DA IMAGEM

Ementa: Abordagens teóricas da Arte dos pontos de vista: sistêmico, analítico, cultural, pragmático e das teorias contemporâneas da cultura; Arte, cultura e sociedade; Relações Arte e Imagem; Aspectos da cultura material, imaterial e dos estudos do simbólico.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro. Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro: Editora JORGE ZAHAR, 2006.
ANDRÉ, Marli Eliza D. A. Etnografia da Prática escolar. Campinas: Papirus, 2011.
LÜDKE, Menga. O professor e a pesquisa. 5 ed. - Campinas: Papirus, 2007.

Bibliografia Complementar:

DAMATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução a antropologia social. Rio de janeiro: Rocco, 2010.
ELIAS, Norbert. O processo civilizador. 2.ed.- Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.
CHILDE, V. Gordon (Vere Gordon). A evolução cultural do homem. 5 Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. 4a ed. - São Paulo: Brasiliense, 1991.

Eixo 3 - Arte, Estética e Contextualização Histórica

PRÉ-HISTÓRIA A IDADE MÉDIA

Ementa: Arte das civilizações antigas; Arte das civilizações orientais; Arte da antiguidade Clássica grego-romana; Arte medieval cristã; arte paleo-cristã, estilos bizantinos, romântico e gótico.

Bibliografia Básica:

BROCCHIERI, FumagalliBeonio. A Estética da Idade Media. Editora: ESTAMPA, 2003.
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS. Arte rupestre no Centro do Brasil: pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia São Leopoldo, RS : Instituto Anchietano de Pesquisas, 1984.
ADORNO, Theodor W. Teoria estética. Lisboa: Edições 70, 1970.

Bibliografia Complementar:

PROENÇA, Graça. Descobrindo a História da Arte. São Paulo: Editora Ática, 2008.
STRICKLAND, Carol. Arte Comentada: Da Pré-História ao Pós-Moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
BAZIN, Germain. Historia da historia da arte: de Vasari a nossos dias. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
VENTURI, Lionello. Historia da critica de arte. Lisboa: Edições 70, 1984.
WOLFFLIN, Heinrich. Conceitos fundamentais da historia da arte: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESTÉTICA VISUAL

Ementa: Conceitos e categorias da estética e da história da arte para a compreensão da produção artística em diferentes períodos históricos. Arte mimética e ideal de beleza. Autonomia e experiência estética. O moderno sistema das artes. Obra de arte e reprodutibilidade técnica. O processo de ruptura nas artes. Tradição e inovação; modernidade e vanguarda. Modernidade e pós-moderno.

Bibliografia Básica:

BAYER, Raymond. Historia de la estética. Mexico - Antiguidades.: Fondo de cultura economica, c1986.
DANTO, Arthur Coleman. Apès la fin de l'art. Paris: Editions du Seuil, 1996.
FOUCAULT, Michel. Estética: Literatura e Pintura, Música e CinemaV. 3. Editora: FORENSE UNIVERSITARIA, 2006.

Bibliografia Complementar:

LOMBARDO, Giovanni. Estética da Antiguidade Clássica. Editora: ESTAMPA, 2002.
FEITOSA, Charles. Explicando a filosofia com a arte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
SUASSUNA, Ariano. Iniciação à estética. 11. ed. Rio de janeiro: J. Olympio, 2011.
CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 24. ed Rio de janeiro: J. Olympio, 2009.
GUYAU, Jean Marie. A arte do ponto de vista sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ARTE DO RENASCIMENTO AO NEOCLASSICISMO

Ementa: Arte Européia dos séculos XV ao XVIII: Renascimento, Maneirismo, Barroco, Rococó e Neoclassicismo.

Bibliografia Básica:

CONTI, Flavio.Como reconhecer a arte do Renascimento. Lisboa: EDIÇÕES 70, 1996.
JANSON, H. W. Historia Geral da Arte - O Mundo Moderno.MARTINS EDITORA, 2001.
PROENÇA, Graça. Descobrindo a historia da arte. 2.ed. - São Paulo: Ática, 2008.

Bibliografia Complementar:
CAMPOS, Adalgisa Arantes. Arte sacra no Brasil colonial. Belo Horizonte: C/ Arte, 2011.
PROENÇA, Graça. História da arte. São Paulo: Ática, 2001.
BALDASSARINI JUNIOR, Sergio. O renascimento, o barroco e o neoclassicismo v.3. São Paulo: SBJ, 1997.
MARCONDES, Danilo. Iniciação a história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13. ed. Rio de janeiro: J. Zahar, 2010.
CHILVERS, Ian. Dicionário Oxford de arte. 3ª. ed. São Paulo (SP): M. Fontes, 2007.

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DAS IMAGENS
Ementa: Conhecer e experimentar leituras de imagens a partir de abordagens tais como: formalista, culturalista, contextualista e semiótica. Compreensão e interpretação de imagens em contextos variados.

Bibliografia Básica:
ARNHEIM, R. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Edusp/Pioneira, 2008.
BARBOSA, A. M. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 2005.
BARNARD, Malcolm. Art, design, and visual culture: an introduction. New York : St. Martin's Press, 1998.

Bibliografia Complementar:
DONDIS, D. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
SANTAELLA, Lúcia; NOTH, Winfried. Imagem: cognição, semiótica, mídia. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. 11 Campinas, SP: Papirus, 2007.
ROSSI, Maria Helena Wagner. Imagens que falam: leitura da arte na escola. 4. ed Porto Alegre: Mediação, 2009.

ARTE MODERNA: DO ROMANTISMO AO IMPRESSIONISMO
Ementa: Romantismo. Arquitetura e escultura nos séculos XVIII e XIX europeus. Museus, salões e o pintor da vida moderna. Naturalismo e realismo. Pré-Rafaelitas. Impressionismo. Pós-Impressionismo. Simbolismo. Movimento de Artes e Ofícios. Arte Nouveau.

Bibliografia Básica:
BALDASSARINI JUNIOR, Sergio. O romantismo, o realismo e o impressionismo. v.4 São Paulo: SBJ, 1997.
BENET, Rafael; AURELL, Jorge Benet. Impressionismo: historia de la pintura moderna. Barcelona: Edicione Omega, 1952.
GOMBRICH, E. H. (Ernst Hans). A história da arte. 16 Rio de Janeiro: Livros Técnicos e científicos, c1999.

Bibliografia Complementar:
ARGAN, Giulio Carlo. A arte moderna na Europa: de Hogarth a Picasso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
JANSON, H. W. (Horst Woldemar). História geral da arte. 2.ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2001.
BALDASSARINI JUNIOR, Sergio. O romantismo, o realismo e o impressionismo. v.4. São Paulo: SBJ, 1997.
THOMSON, Belinda. pós-impressionismo. São Paulo: Cosac &Naify, 1999.

ARTE E CULTURA NA AMÉRICA LATINA
Ementa: Estudo histórico e iconográfico das referências dos movimentos da arte latinoamericana nos séculos XIX e XX. Arte contemporânea latino americana. Arte Chicana. Bienal do MERCOSUL e outras bienais.

Bibliografia Básica:
ALVAREZ, Sônia E., DAGNINO, Evelina, ESCOBAR, Arturo (Orgs.). Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos.Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
BHABHA. Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte:Ed. UFMG, 2003.
BRUNER, J. A cultura da Educação. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2001.

Bibliografia Complementar:
ADES, Dawn. Arte na America Latina: a era moderna 1820-1980. São Paulo: Cosac &Naify, 1997.
GARCÍA CANCLINI, Néstor. A socialização da arte: teoria e pratica na America. Latina 2ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1984.
MORAIS, Frederico. Artes plásticas na America Latina: do transe ao transitório. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
SHIRASUNA, Marisa. Visionários audiovisual na América Latina. São Paulo: Itau Cultural, 2008.
BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. Modernidade: vanguardas artísticas na America Latina. São Paulo: Memorial: UNESP, 1990.

ARTE MODERNA - VANGUARDAS ARTÍSTICAS
Ementa: As vanguardas artísticas do século XX: expressionismo (expressionismo alemão,fauvismo, etc.); cubismo; construtivismo (suprematismo, Bauhaus, arte concreta, neoplasticismo, etc.); futurismo, dadaísmo; pintura metafísica, surrealismo. Escola de Paris. Arte Abstrata. Expressionismo Abstrato. Informalismo.

Bibliografia Básica:
BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina. São Paulo: Memorial: UNESP, 1990.
MICHELI, Mário de. As Vanguardas Artísticas. Editora: WMF MARTINS FONTES, 2004.
GOLDBERG, Rosele. A arte da performance: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Bibliografia Complementar:
NAVES, Rodrigo. O vento e o moinho: ensaios sobre arte moderna e contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. 2ª. ed. - São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
SCHAPIRO, Meyer. A arte moderna: séculos XIX e XX: ensaios escolhidos. São Paulo: EDUSP, 2010.
INOJOSA, Joaquim. A arte moderna. Rio de Janeiro: Catedra, 1984.
CHRIST, Yvan. A arte no século XIX. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA: SÉC. XIX
Ementa: Arte colonial brasileira. Arte dos invasores. Arte barroca no Brasil. Missão Artística Francesa e a implantação de um sistema de arte no Brasil. Ecletismo.

Bibliografia Básica:
MASCELANI, Ângela. Caminhos da Arte Popular: o vale do Jequitinhonha. Rios de Janeiro: Museu Casa do Portal, 2008.
Naves, Rodrigo. A forma difícil: ensaios sobre a arte Brasileira. São Paulo: Ática, 2001.
COLI, Jorge. Como estudar a arte brasileira do século XIX? São Paulo: SENAC, 2005.

Bibliografia Complementar:
RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
ARAUJO, Antonio Luiz d'. Arte no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Revan, 2000.
BURY, John; OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Arquitetura e arte no Brasil colonial. Brasília, DF: Iphan: Monumenta, 2006.
SANT'ANNA, Affonso Romano de. Barroco: do quadrado a elipse Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
CAMPOFIORITO, Quirino. A missão artística francesa e seus discípulos 1816 -1840. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1983.

HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA: SÉC. XX
Ementa: Semana de Arte Moderna. Modernismo dos anos 30 e 40. Abstracionismo informal e geométrico. Os salões de arte e as Bienais. Concretismo e neoconcretismo. Anos 60 e 70 na arte brasileira (nova Objetividade, popcreto, arte conceitual brasileira, nova figuração, etc.). Geração 80. Arte Contemporânea brasileira. Produção artística em Goiás. Conexões entre a arte nacional e internacional.

Bibliografia Básica:
SCHWARCZ, Lilia Moritz. O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
TASSINARI, Alberto. O espaço moderno. Cosac &Naify, 2001.
GONÇALVES, Marcos Augusto. 1922: a semana que não terminou. São Paulo: Companhia das Letras, c2012.

Bibliografia Complementar:
BRITO, Mario da Silva, 1916-. História do modernismo brasileiro: antecedentes da semana da arte moderna. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
COCCHIARALE, Fernando; GEIGER, Anna Bella. Abstracionismo: geométrico e informal: a vanguarda brasileira nos anos cinquenta. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.
INSTITUTO NACIONAL DE ARTES PLÁTICAS. Projeto Arte Brasileira abstração geométrica I: concretismo e neoconcretismo. Rio de janeiro: O Instituto, 1987.
FREIRE, Cristina. Arte conceitual. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
DUARTE, Paulo Sergio. Arte brasileira contemporânea: um prelúdio. Rio de janeiro: Silvia Roesler Edições de Arte, 2008.

HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA – QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS
Ementa: Realismo versus Abstracionismo. Arte concreta e neoconcreta. Anos 1960 e 1970 e a nova figuração na arte brasileira — pop art, o novo realismo e orealismo mágico. Arte conceitual brasileira. A arte performática, o ideário construtivo e procedimentos tecnológicos. Geração 80 e a descentralização do mercado das artes.

Bibliografia Básica:
MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. Contraditorio: panorama da arte brasileira 2007 = Contradictory : panorama of Brazilianart 2007. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

DUARTE, Paulo Sergio. Arte brasileira contemporânea: um prelúdio. Rio de janeiro: Silvia Roesler Edições de Arte, 2008.
BASBAUM, Ricardo Além da pureza visual Porto Alegre: Zouk, 2007.

Bibliografia Complementar:

STANGOS, Nikos (Org.). Conceitos da Arte Moderna:com 123 ilustrações. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.
WÖLFFLIN, Heinrich. Conceitos Fundamentais da História da Arte:o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
COCCHIARALE, Fernando; GEIGER, Anna Bella. Abstracionismo: geométrico e informal: a vanguarda brasileira nos anos cinquenta Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.
FER, Brionyet al. Realismo, racionalismo, surrealismo: a arte no entre-guerras. São Paulo: Cosac &Naify, c1998.
STAM, Robert; KREMER, Marie-Anne; GON¿VES, Gla¿ciaRenate. A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

PSICOLOGIA DA ARTE

Ementa: Arte e experiência estética; Concepções sobre a criatividade e expressão artística; Função criadora e diferentes concepções de criatividade; Cognição, percepção e imaginação.

Bibliografia Básica:

PINKER, Steven. Como a mente funciona. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
DUARTE, Paulo Sergio. Arte brasileira contemporânea: um prelúdio. Rio de janeiro: Silvia Roesler Edições de Arte, 2008.
TORRANCE, E. Paul; TORRANCE, J. Pansy. Pode-se ensinar criatividade?.São Paulo: E.P.U, 1974.

Bibliografia Complementar:

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação.13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
GARDNER, Howard. Mentes que criam:uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandhi. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.
NOVAES, Maria Helena. Psicologia da criatividade.3. ed.Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
EHRENZWEIG, Anton. A ordem oculta da arte: um estudo sobre a psicologia da imaginação artística.Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
GOMBRICH, E. H. (Ernst Hans).Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica. 4. ed.São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Eixo 4 - Construção e Compreensão dos Processos Artísticos

ATELIÊ DE LINGUAGENS BIDIMENSIONAIS

Ementa: Introdução aos fundamentos da linguagem visual. Exercícios de exploração de materiais e suportes. Desenvolvimento de atividades direcionadas ao conhecimento de técnicas e habilidades relacionadas a linguagem bidimensional. Desenvolvimento do aparelho motor e da expressão criativa. Introdução dos elementos formais e sintáticos do desenho: ponto, linha, mancha, massa, textura, volume, composição, valor tonal, cor, luz e sombra.

Bibliografia Básica:

CANTON, Kátia. Mesa do artista. São Paulo: Cosac &Naify, 2004.
MASSIRONI, Manfredo. Ver pelo desenho: aspectos tecnicos, cognitivos, comunicativos. São Paulo: Martins Fontes, c1982.
FRANGE, L.B. P & VASCONCELLOS, L.G.F. Oficina de Desenho Urbano: Desenhando e Construindo a Cidade no Cerrado. Uberlândia, MG: PROEX, 2002.

Bibliografia Complementar:

PEVSNER, Nikolaus. Os Pioneiros do Desenho Moderno: de William Morris a Walter Gropius. MARTINS EDITORA, 2002.
MARTINS, Mirian Celeste. Teoria e pratica do ensino da arte:a língua do mundo.São Paulo: FTD, 2009.
DERDUK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimentos do grafismo infantil. 3. ed. .São Paulo: Scipione, 2003.
KANDINSKY, Wassily. Ponto e linha sobre plano: contribuição a analise dos elementos da pintura. 2. Ed. São Paulo: M. Fontes, 2012.
OSTROWER, Fayga. Universos da arte. 6 ed. - Rio de Janeiro: Campus, 1996.

ATELIÊ DE LINGUAGENS TRIDIMENSIONAIS

Ementa: Técnicas e processos iniciais da construção tridimensional: modelagem, construção e montagem. Percepção da forma no espaço. Desenvolvimento de pesquisas e experiências direcionadas ao conhecimento de técnicas e habilidades relacionadas às criações tridimensionais, incentivando a utilização de novos materiais e a análise de possibilidades de uso de materiais que têm sido encontrados na produção escultórica contemporânea. Leitura da forma no espaço.

Bibliografia Básica:
KRAUSS, Rosalind. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins, 2007.
READ, Herbert. Escultura Moderna: uma história concisa. Editora: WMF Martins Fontes, 2003.
WONG, Wucius. Princípios de Forma e Desenho. Editora: WMF MARTINS FONTES, 2010.

Bibliografia Complementar:
LACERDA, Regina. Cerâmica popular: artesanato vivo em Goiás. Goiânia: [s.ed.], 1957.
DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. 12. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.
TUCKER, William. A Linguagem da escultura. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.
CARR-GOMM, Sarah. Dicionário de símbolos na arte: guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais. Bauru: EDUSC, 2004.
BIENAL DE ARTES VISUAIS DO MERCOSUL, 5, 2005, Porto Alegre, RS. História da Arte e do Espaço: da escultura à instalação. Gaudêncio Fidelis, Paulo Sergio Duarte. Porto Alegre: Fundação de Artes Visuais do MERCOSUL, 2005.

ATELIÊ INTERDISCIPLINAR DE ARTES VISUAIS
Ementa: Desenvolvimento de pesquisas e experiências direcionadas ao conhecimento de técnicas e habilidades relacionadas à inter-relação entre bidimensional e tridimensional, incentivando a utilização de novos materiais e a análise de possibilidades propostas por artistas contemporâneos.

Bibliografia Básica:
BACHERLARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
MUNARI, Bruno. Das Coisas Nascem Coisas. Ed Martins Fontes. São Paulo, 2008.
BAUDRILAR, Jean. O Sistema dos Objetos. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Bibliografia Complementar:
CARMEL-ARTHUR, Judith. Bauhaus. São Paulo: Cosac-Naify Ed., 2001.
KORNIS, George; FERREIRA, Glória. Carlos Vergara: a dimensão gráfica – uma outra energia silenciosa. São Paulo: Aeroplano, 2010.
LUPTON, Ellen. A produção de um livro independente: um guia para autores, artistas e designers. Tradução Maria Lúcia L. Rosa. São Paulo, Rosari, 2011.
MEIRIEU, P. Aprender... sim, mas como? Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
SÁ-CHAVES, I. Porta-fólios – no fluir das concepções, das metodologias e dos instrumentos. In: ALMEIDA, L. S.; TAVARES, J. Conhecer, aprender, avaliar. Porto Alegre, 1998. p. 135-141.
SALLES, Cecília Almeida. Arquivos de criação: arte e curadoria. Vinhedo: Horizonte, 2010.

ATELIÊ DE GRAVURA
Ementa: Introdução aos processos básicos de impressão: monotipia, carimbo, etc. Discussão do valor pedagógico da linguagem da gravura como expressão e comunicação. Desenvolvimento de pesquisas e experiências direcionadas ao conhecimento de técnicas e habilidades relacionadas à impressão (como as gravuras em madeira, metal, linóleo, serigrafia e litografia), incentivando a utilização de novos materiais e a análise de possibilidades propostas por artistas contemporâneos. Gravura Digital: Desenvolvimento de imagens gráficas no computador com especificações técnicas para impressão. Articulação da linguagem gráfica e da linguagem digital em ambiente virtual bidimensional. Digitalização e softwares gráficos.

Bibliografia Básica:
CLIMACO, Jose César Teatini de Souza. A Gravura em Matrizes de Plástico. Editora: UFG, 2004.
COSTELLA, Antonio F. Introdução a Gravura e a sua História. Editora Mantiqueira, 2006.
FERREIRA, Orlando da Costa. Imagem e letra: introdução a bibliologia brasileira a imagem gravada. São Paulo: EDUSP, 1994.
Bibliografia Complementar:
FAJARDO, Elias; SUSSEKIND, Felipe; VALE, Marcio do. Gravura. Rio de Janeiro: Ed. SENAC, 1999.
COSTELLA, Antonio. Xilogravura: manual pratico. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 1987.
GRAVURA arte brasileira do seculo XX. São Paulo: Cosac e Naify : Itaú Cultural, 2000.
CLÍMACO, José César Teatini de Souza. A gravura em matrizes de plástico. Goiânia: Editora da UFG, 2004.
GOYA, Edna de Jesus; MACHADO JUNIOR, Carlos Eduardo. A arte da gravura em Goiás: raízes e evolução. Goiânia, 1998.

ATELIÊ DE POÉTICAS VISUAIS CONTEMPORÂNEAS
Ementa: Desenvolvimento do fazer artístico em variadas linguagens e manifestações. Laboratório de pesquisa sobre as poéticas contemporâneas. Investigação de interrelações entre cultura erudita, popular e indústria cultural, privilegiando a pesquisa sobre as manifestações contemporâneas locais. Desenvolvimento de projeto pessoal.

Bibliografia Básica:
COTRIN, Cecilia. FERREIRA, Glória. Escritos de artistas: anos 60 e 70. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997.
MORAIS, Frederico. Panorama das Artes Plásticas: séculos XIX e XX. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1991.

Bibliografia Complementar:
CALABRESE, Omar. A linguagem da arte. Rio de Janeiro: Globo, 2002.
CHAIU, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2005.
DE FUSCO, Renato. História da arte contemporânea. Lisboa: Presença, 1988.
GIANNETTI,Claudia. Estética Digital. B.Horizonte, C/Arte, 2006.
RESTANY, Pierre. Os novos Realistas. São Paulo : Perspectiva, 1979.

ATELIÊ DE ARTE E TECNOLOGIA I: FOTOGRAFIA E VÍDEO
Ementa: Aspectos históricos da fotografia: século XIX e XX. Do *Pinhole* a imagem digital. Princípios básicos (físico, químico, teórico, estético) da fotografia. A fotografia e o vídeo como meio de expressão e representação, como linguagem e meio de comunicação.

Bibliografia Básica:
ARNHEIM, Rudolf**.** Arte & Percepção visual: Uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira Thompson, 2008.
SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2010.
ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

Bibliografia Complementar:
XAVIER, Ismail. O Discurso Cinematográfico. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
COSTA, Helouise; RODRIGUES, Renato. A fotografia moderna no Brasil. São Paulo: Cosaic Naify, 2004.
DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. 12 ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.
Fontcuberta, Joan. Estética fotográfica: seleccion de textos. Barcelona: Editorial Blume, 2003.
FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.

ATELIÊ DE ARTE E TECNOLOGIA II: DIÁLOGOS INTERMIDIÁTICOS
Ementa: Análise do processo histórico de articulação da arte e tecnologia e seus reflexos na produção artística contemporânea, com foco no cibercultura. Abordagem de conceitos de autoria, interatividade, hipertexto, manipulação, apropriação, hibridação. Desenvolvimento de pesquisas e experiências relacionadas à web arte.

Bibliografia Básica:
DOMINGUES, Diana. Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
SANTAELLA, Lúcia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. 3 ed. São Paulo, SP: Revoltas, 1934.
GIANNETTI, Claudia. Estética digital: sintopia da arte, a ciência e a tecnologia. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

Bibliografia Complementar:
LEMOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, c2013.
DOMINGUES, Diana. Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: UNESP, 2003.
LEMOS, André. Cibercidade: as cidades na cibercultura. Rio de janeiro: E-Papers, 2004.
JOHNSON, Steven. Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
GRAU, Oliver. Arte virtual: da ilusão à imersão. São Paulo: UNESP: SENAC, 2007.

ATELIÊ DE ESTÉTICAS URBANAS
Ementa: Arte Pública, movimentos de intervenção urbana nos séculos XX e XXI.

Bibliografia Básica:
HALL, Peter. Cidades do Amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos do século XX. São Paulo: Perspectiva, 1995.
LYNCH, Kevin; CAMARGO, Jefferson Luiz. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Bibliografia Complementar:
BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
SITTE, Camillo; ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. A construção das cidades segundo seus principios artísticos. São Paulo: Ática, 1992.
JEUDY, Henri Pierre. Memórias do social. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990.
NOVAES, Adauto. Rede imaginaria: televisão e democracia. 2.ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
SANTOS, Milton. Tecnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. 5 São Paulo : Hucitec, 2008.

PRODUÇÃO DE PORTIFÓLIO

Ementa: Construção de portifólio e narrativa pessoal do processo de aprendizagens artísticas ao longo curso. Seleção de resultados mais significativos, construção de textos que articulem conceitos de arte as imagens apresentadas. Fabricação do objeto portifólio.

Bibliografia Básica:

BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
LEVY, Pierre. O que é virtual? São Paulo: Ed. 34, 2011.
NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital: como a natureza está transformando a tecnologia e nossas vidas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Bibliografia Complementar:

KORNIS, George; FERREIRA, Glória. Carlos Vergara: a dimensão gráfica – uma outra energia silenciosa. São Paulo: Aeroplano, 2010.
LUPTON, Ellen. A produção de um livro independente: um guia para autores, artistas e designers. Tradução Maria Lúcia L. Rosa. São Paulo, Rosari, 2011.
MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. Trad. José Manuel de Vasconcelos. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
PAIVA, Ana Maria Severiano de; SÁ, Ilydio Pereira de ; NOVAES, José Antonio. O uso do portfólio na avaliação da aprendizagem em matemática. Em: VI SPEM RJ – SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DO RIO DE JANEIRO, 2008, Rio de Janeiro. VI SPEM RJ – Seminário de Pesquisa em Educação Matemática do Rio de Janeiro, 2008.
VIRILIO, Paul. O espaço crítico e as perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

INTRODUÇÃO A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: LIBRAS

Ementa: Introdução às práticas de compreensão e produção em LIBRAS através do uso de estruturas e funções comunicativas elementares. Concepções sobre a Língua de Sinais. O surdo e a sociedade.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, Elizabeth Crepaldi de. Atividades ilustradas em sinais de Libras. São Paulo: Revinter, 2004.
GESSER, A. LIBRAS : que língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009.
SACKS, Oliver. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Bibliografia Complementar:

PEREIRA, M. C. da C. Libras conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson, 2011.
ALMEIDA, Elizabeth Oliveira Crepaldi de. Atividades ilustradas em sinais de LIBRAS. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
FALCÃO, Luiz Albérico Barbosa. Aprendendo a LIBRAS e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão: estabelecendo novos diálogos. 2. ed. rev. Recife, 2007.
FALCÃO, Luiz Albérico. Surdez, cognição visual e libras: estabelecendo novos diálogos. 3. ed. Recife: Ed. do Autor, 2012.
NOVO deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira (Libras) São Paulo: EDUSP, 2009.

TEORIAS DA ARTE E DA CULTURA II

Ementa: Diferentes abordagens do contexto em arte. Estudo do conceito de contexto, abordagens contextuais, feminismo, teorias do gênero e da sexualidade. Estudos culturais e pós-colonialismo. Conceitos de desconstrução, pós-modernidade, intertextualidade e interpretação.

Bibliografia Básica:

FOCILLON, Henri. Vida das formas. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
PANOFSKY, Erwin. Significado nas artes visuais. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1991.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Petrópolis, Vozes, 1998.

Bibliografia Complementar:

FERNANDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada**:** abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Medicas, 1990.
MOREIRA, Marco A. (Marco Antonio). Teorias de aprendizagem. 2ª. ed São Paulo: EPU, 2011.
SANTAELLA, Lúcia. Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.
HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho**.** 5ª. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1998.
LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola**:** teoria e prática 5 Goiânia: MF Livros, 2008.

5.4 Atividades Complementares

Os estudantes deverão completar uma carga mínima de 200 horas por meio da participação em eventos de caráter científico e cultural, conforme previsto no Parecer CNE-CP 21-2001, que preconiza:

> um planejamento próprio para a execução de um projeto pedagógico há de incluir outras atividades de caráter científico, cultural e acadêmico articulando-se com e enriquecendo o processo formativo do professor como um todo. Seminários, apresentações, exposições, participação em eventos científicos, estudos de caso, visitas, ações de caráter científico, técnico, cultural e comunitário, produções coletivas, monitorias, resolução de situação problema, projetos de ensino, ensino dirigido, aprendizado de novas tecnologias de comunicação e ensino, relatórios de pesquisas são modalidades, entre outras atividades, deste processo formativo. Importante salientar que tais atividades devem contar com a orientação docente e ser integradas ao projeto pedagógico do curso. [...] Este enriquecimento exigido e justificado por si só e pelas diretrizes do Parecer 009-01 não poderá contar com menos de 200 horas.[1]

A concepção expressa no Parecer CNE-CP 21-2001 é vista neste projeto de curso, como um avanço das formulações curriculares, tornando-as mais dinâmicas e engajadas no contexto das pesquisas e iniciativas profissionais da área, devendo, portanto, ser garantida na formação do estudante. Além da participação em eventos científicos, indica-se a visitação a Museus, Galerias de arte, espaços culturais, eventos tais como Salões e Bienais de Artes Visuais e demais eventos culturais da área. Participação em projetos que envolvam os saberes da área; desenvolvimento de projetos/matérias didáticos, etc. Tais atividades devem contar com a orientação docente, viabilizada, em nosso caso, pelo acompanhamento do tutor responsável pela turma.

Essas atividades fazem parte do processo de formação docente, mas de forma aberta sem predeterminação na proposta curricular. A busca por cursos de extensão promove tanto o aprofundamento na área como a busca de interconexões com outras áreas de conhecimento superando a limitação das limitações dos conteúdos fixados para a grade curricular. Segue alguns exemplos de atividades e pontuações:

- Participação em eventos:
  a) Área de artes visuais 20;
  b) Áreas afins. 10.
- Participação em cursos:
  a) Área de artes visuais até:
  I - 8h. 08;
  II - 20h 10;
  III - 40h 20;
  IV - 60h 30;
  V - Acima de 60h 50.
  b) Áreas afins:
  I- 8 h 05;
  II- 20 h 08;
  III- 40 h 16;
  IV- 60 h 24;
  V- Acima de 60h 40%.

[1] Parecer CNE-CP 21-2001, página 13.

c) Capacitação em NEE - Necessidades Educacionais Especiais (Libras, *Braille*, e outros):

I - 8 h	05;
II - 20 h	08;
III - 40 h	20;
IV - 60 h	30;
V - Acima de 60h	50%.

- Visitas a:

a) Espaços expositivos (locais)	03
b) Espaços expositivos (Goiânia)	06
c) Espaços expositivos (fora do Estado)	10

Obs.: As visitas deverão ser comprovadas mediante entrega de declaração assinada. O valor máximo para contabilizar o item visitas é de 50 horas.

- Mediação (monitoria):
  - Eventos dentro do estado até 50%;
  - Eventos fora do estado até 50%.
- Participação em projetos de pesquisa e/ou extensão 20;
- Participação em outros projetos. 10;
- Cursos de línguas (cada semestre cursado) 50%.

Obs. 1: A carga horária dos cursos de especialização não vale como atividades complementares.

5.5 Prática como Componente Curricular (PCC)

A Resolução CNE/CP 2/2002, ao instituir a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura para a formação de professores da Educação Básica, define que a prática como componente curricular deve ser efetivada mediante a articulação teoria-prática dos componentes comuns, os quais serão vivenciados ao longo do curso e integralizados, no mínimo, em 400 (quatrocentas) horas.

Quanto à concepção de prática como componente curricular, diz o Parecer CNE/CP 9/2001:

> Uma concepção de prática mais como componente curricular implica vê-la como uma dimensão do conhecimento que tanto está presente nos cursos de formação, nos momentos em que se trabalha na reflexão sobre a atividade profissional, como durante o estágio, nos momentos em que se exercita a atividade profissional.

Na Resolução CNE/CP 1/2002, que institui as diretrizes para os cursos de formação de professores em nível superior, adota-se o entendimento que a prática não pode ocorrer de modo desarticulada na matriz curricular do curso ou restringir-se ao estágio curricular. Define-se que prática como componente curricular (PCC) "deverá estar presente desde o início do curso e permear toda a formação do professor", articulando-se "no interior das áreas ou das disciplinas que constituírem os componentes curriculares de formação", tanto em relação às disciplinas pedagógicas como nas demais que compõem a matriz curricular. Além disso, segundo esta Resolução:

> Art. 13. Em tempo e espaço curricular específico, a coordenação da dimensão prática transcenderá o estágio e terá como finalidade promover a articulação das diferentes práticas, numa perspectiva interdisciplinar.
>
> § 1º A prática será desenvolvida com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em situações contextualizadas, com o registro dessas observações realizadas e a resolução de situações-problema.

> § 2º A presença da prática profissional na formação do professor, que não prescinde da observação e ação direta, poderá ser enriquecida com tecnologias da informação, incluídos o computador e o vídeo, narrativas orais e escritas de professores, produções de alunos, situações simuladoras e estudo de casos.

Neste Projeto da Licenciatura em Artes Visuais, em conformidade com os preceitos legais, a PCC se caracteriza por práticas desenvolvidas com bases teóricas e pedagógicas relacionadas com realidades educacionais efetivas, portanto, condizentes com as necessidades educativas e os interesses dos futuros professores de Artes Visuais.

A PCC será desenvolvida com o objetivo de propiciar a melhoria da qualidade do processo de formação dos graduandos, mediante atividades, experimentações, vivências, reflexões, problemáticas e práticas que favoreçam um conhecimento significativo, consistente e propositivo sobre o ensino-aprendizagem das Artes Visuais.

Todos os eixos que compõem o curso contemplarão a PCC, em especial, aquelas que compõem os eixos pedagógicos do curso. As atividades e a carga horária da PCC, que serão programadas e realizadas em determinadas disciplinas, terão que ser avaliadas periodicamente pelos respectivos professores e o Núcleo Docente Estruturante, sendo estas apreciadas e aprovadas pelo Conselho Diretor da FAV. No quadro da Matriz Curricular do Curso serão indicadas, com a respectiva carga horária, as disciplinas que desenvolverão a PCC, em conformidade com a legislação vigente.

6 POLÍTICA E GESTÃO DE ESTÁGIO CURRÍCULAR

Apoiando nos preceitos legais e nos propósitos deste projeto, entende-se que o estágio supervisionado é um componente curricular fundamental do processo de formação do professor de Artes Visuais. Neste Projeto, a política de estágio orientar-se-á com base nos princípios e nas orientações definidas na Resolução CEPEC nº 731/2005 da UFG, que assim expressa:

> **§ 1º** São princípios desta política:
> I. uma organização curricular que possibilite a apreensão do contexto educacional e a atuação profissional na gestão, planejamento e avaliação do processo educativo;
> II. o desenvolvimento pleno do educando, a formação cultural e ética para o exercício da cidadania, a inserção crítica na profissão e a qualificação para o trabalho;
> III. o desenvolvimento da autonomia intelectual e profissional que possibilite criticar, inovar, bem como lidar com a diversidade;
> IV. a pesquisa como uma dimensão da formação e do trabalho docente;
> V. formação inicial articulada com a formação contínua.
>
> **§ 2º** Com base nesses princípios a UFG compreende o estágio curricular como uma atividade privilegiada de diálogo crítico com a realidade que favorece a articulação ensino-pesquisa-extensão, configurando:
> I. um espaço formativo e de sensibilização dos estudantes para o atendimento das necessidades sociais, que preserve os valores éticos que devem orientar a prática profissional;
> II. um momento de maior aproximação e compreensão da realidade profissional à luz dos aportes teóricos estudados, que favoreça a reflexão sobre a realidade e a aquisição da autonomia intelectual e o desenvolvimento de habilidades conexas à profissão docente;
> III. um componente curricular, de caráter teórico-prático, cuja especificidade proporcione o contato efetivo do aluno com o campo de estágio, acompanhado pela instituição formadora;
> IV. um componente do projeto político pedagógico do curso que considere seus objetivos, metodologia, acompanhamento e avaliação.

Dentre suas modalidades, com base na Lei nº 11.788/2008 e na Resolução CEPEC nº 731 da UFG, o estágio curricular na Licenciatura em Artes Visuais caracteriza-se como um componente curricular obrigatório e não obrigatório.

Para a efetiva formação do licenciado em Artes Visuais é importante a percepção de que o estágio não é apenas a "parte prática" dos cursos de licenciatura, como vemos em Pimenta (2004, p.45) o estágio,

> não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da prática docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá.

Buscando concretizar esta percepção, adotamos para a modalidade EaD, uma estruturação que dialoga com os pilares da concepção geral do próprio curso, com base na investigação da realidade e no desenvolvimento de uma proposta de intervenção pedagógica, dialógica e teórico-prático na inter-relação com os contextos pedagógicos para o ensino de arte.

Os estágios, tanto obrigatório como não obrigatório deverão conter na composição documental: termo de compromisso, plano de atividades, formulário de frequência, seguro e relatórios.

6.1 Estágio Curricular Obrigatório

O estágio curricular obrigatório define-se como uma atividade programada, com conteúdos teórico-práticos sequenciais e disciplinares, imprescindível para os/as graduandos/as do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UFG, a qual deve privilegiar:

I - a relação e o posicionamento crítico dos graduandos com a realidade socioeducacional, tendo em vista a formação para o exercício da profissão e da cidadania;
II - experiências e vivências com possibilidades de articulação entre ensino-pesquisa-extensão;
III - a aproximação do/a aluno/a com a realidade do campo de trabalho, estabelecendo inter-relações entre a teoria e a prática deste ensino;
IV - o confronto com a diversidade das práticas educativas, com as dificuldades do campo, com os desafios institucionais, fazendo do estágio um laboratório de descobertas e possibilidades, superações e avanços teórico-metodológicos;
V - um momento de desenvolvimento cultural, técnico, científico e pedagógico dos/as graduandos/as.

O estágio curricular na Licenciatura em Artes Visuais visa criar um espaço para que o licenciando interaja com os ambientes de ensino e experimente uma pluralidade de contextos e situações educacionais onde o ensino/aprendizagem de artes visuais aconteça ou possa vir a acontecer significativamente. A pretendida interação deverá ser buscada através do estudo, da pesquisa, da observação, da análise e da reflexão e do desenvolvimento de projetos pedagógicos na escola-campo. Nesse sentido, mediante o estágio curricular, o Curso pretende propiciar o exercício pedagógico de manifestações da cultura visual, enfatizando seus aspectos sociais, históricos, culturais, artísticos e pedagógicos. A especificidade deste campo formativo está centrada nos os aspectos estéticos, artísticos, processuais, técnicos e culturais e de mediação e construção da realidade e do relacionamento humano, diferenciando-se, portanto, dos processos de arteterapia e de assistencialismo social.

O estágio curricular obrigatório deverá ser desenvolvido, preferencialmente, em escolas públicas, mediante convênio institucional estabelecido entre a UFG e a Rede Federal, Estadual e Municipal de Ensino. Poderá ocorrer, também, em Instituições de Ensino Privadas e em Instituições Sociais e Culturais, devidamente conveniadas com a UFG, que desenvolvam ações educativas em Artes Visuais. Ao estabelecer o convênio institucional, a contrapartida da UFG será de caráter pedagógico, favorecendo a aproximação e troca de experiências dos profissionais da instituição concedente com a realidade acadêmica da Universidade, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão. As experiências, os projetos e as atividades de estágio serão, periodicamente, objeto de debate entre os professores da escola-campo e da Universidade em eventos acadêmicos.

Entende-se que os locais de estágio são espaços potencialmente considerados como parceiros, dispostos a uma relação dialógica. Deve-se buscar o envolvimento efetivo dos diversos atores-colaboradores, como os professores, coordenadores, alunos e funcionários, assim como, o estabelecimento de conexões com o contexto social no qual a instituição está inserida.

Por se tratar de uma atividade fundamental para a formação, o estágio será planejado, orientado, acompanhado, avaliado e coordenado pelos professores de estágio do Curso, em conformidade com a legislação vigente, com o acompanhamento do coordenador de estágios e a colaboração de profissionais qualificados no campo de ensino de Artes Visuais.

Em conformidade com a Resolução CEPEC nº 731/2005 da UFG, o estágio curricular obrigatório deverá considerar os seguintes aspectos:

> Art. 11. A atividade de estágio deverá utilizar a pesquisa como princípio metodológico da formação e contemplar os seguintes aspectos:
> I. Apreensão da realidade da escola campo – objetiva a compreensão, a descrição e a análise do cotidiano escolar;
> II. Elaboração do projeto de ensino e pesquisa – a partir da problematização das situações vivenciadas, definir o tema do projeto de ensino e pesquisa. A elaboração do projeto implica preparação teórica, em especial a respeito de conhecimentos básicos de pesquisa, com o objetivo que o aluno desenvolva atitude investigativa;
> III. Desenvolvimento do projeto de ensino e pesquisa – execução da proposta de ensino na escola-campo, envolvendo os aspectos descritos;
> IV. Relatório Final do Estágio – apresentação da intervenção docente na escola-campo que evidencie a compreensão da realidade escolar e as contribuições de todo o processo de investigação para a construção pessoal e coletiva da formação docente.

Para a efetivação destes aspectos, as atividades de estágio curricular obrigatório neste projeto estão organizadas em quatro disciplinas específicas e inter-relacionadas, ministradas a partir da segunda metade do curso, totalizando uma carga horária de 480 (quatrocentas e oitenta) horas.

Os alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução de carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 (duzentas horas).

6.2 Estágio Curricular Não Obrigatório

Regido pelos mesmos preceitos legais, o estágio curricular não obrigatório caracteriza-se como uma atividade opcional dos/as graduandos/as, realizado em instituições conveniadas com a UFG, com vista a propiciar a formação e o desenvolvimento profissional mediante práticas, vivências e experiências num determinado ambiente de trabalho relacionado com a área de formação. Tal estágio possibilita a atuação por tempo limitado dos estudantes em trabalho remunerados ou não, com carga horária de até 20 horas semanais. O seu desenvolvimento é considerado qualitativamente no processo formativo do/a estudante, porém, este não será computado para integralizar a carga horária do estágio curricular obrigatório e as horas de atividades complementares.

Para que o estudante possa realizar o estágio curricular não obrigatório é necessário o acompanhamento de um professor orientador, um supervisor no campo de estágio, assim como, termo de compromisso, plano de atividades e relatório.

Vale a pena ressaltar que o seguro contra acidentes pessoais fica a cargo da Instituição Concedente, a qual deve ser devidamente conveniada com a UFG.

7 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Para integralizar o Currículo, o(a) graduando(a) deverá elaborar um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, sob orientação de professor(a) da Unidade ou convidado de outra IES, conforme Normatização Interna da FAV.

O Trabalho de Conclusão de Curso - TCC consiste na elaboração de uma monografia desenvolvida pelo acadêmico, com base do desenvolvimento de um projeto interdisciplinar. A elaboração do TCC mostrará o domínio de parte significativa do conteúdo programático do curso, inclusive no que se refere aos aspectos metodológicos da elaboração de uma monografia.

A apresentação da produção pedagógica conectada com a dimensão artística e conceitual evidencia-se no PPC do Curso Licenciatura em Artes Visuais – Modalidade a Distância, como um dos requisitos obrigatórios para a concessão do grau de Licenciado. Objetiva a realização de um trabalho individual ou em grupo.

O projeto deverá ser de natureza prático-teórica, relacionado ao ensino de artes visuais, refletindo o nível de aprendizagem do aluno, em especial, pela leitura crítica da profissão e da realidade educacional investigada.

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC será regido por normatização interna aprovada pelo Conselho Diretor da FAV, disponibilizada na Coordenação do curso.

8 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

A concepção de avaliação condiz com a concepção de educação a distância está descrita no item 4.1, enfatiza a dimensão sistêmica, processual, dialógica e continuada entre atores e aprendizagem. Em relação a avaliação continuada é importante prever três momentos:

a) Avaliação Inicial: momento em que o professor orientador poderá utilizar para levantamento dos conhecimentos prévios do seu grupo sobre o assunto, o que sabem e as expectativas sobre a disciplina. Para isso, é preciso discriminar as ferramentas de comunicação e interação que poderão ser utilizadas neste momento;
b) Avaliação Formativa: como será realizada a avaliação do processo do discente durante a disciplina, as atividades e tarefas que serão desenvolvidas, assim como as ferramentas de comunicação e interação a serem utilizadas. Este momento deve servir ao professor formador como espaço de reflexão sobre as estratégias no processo de ensino-aprendizagem para garantir a efetiva aprendizagem dos estudantes;
c) Avaliação Final da Disciplina e de Cada Período: como será feita a avaliação final do discente com relação ao que foi trabalhado na disciplina durante o período letivo.

O aluno será avaliado de forma contínua em três situações distintas:

a) durante e no final de cada tema, a partir de atividades realizadas a distância, como testes de autoavaliação, pesquisas, exercícios, e outras tarefas planejadas para o desenvolvimento do conteúdo;
b) durante as avaliações presenciais semestrais a partir da realização de provas, apresentação de trabalhos e realização de outras tarefas propostas no encontro;
c) ao final do curso, com a elaboração e respectiva apresentação do TCC (monografia) em banca examinadora.

Será considerado aprovado o estudante que somar média igual ou superior a seis, e frequência igual ou superior a 75% da carga horária da disciplina.

8.1 Avaliação no AVA

A avaliação nas salas de mediação e interlocução do conteúdo, montadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem é disponibilizada para o estudante por meio de uma ficha de acompanhamento. Tal ficha é preenchida regularmente pela equipe responsável pela disciplina, professor formador e tutor a distância. Nesta ficha, são registradas a avaliação das ações realizadas pelo estudante, considerando-se os critérios propostos para cada atividade. Nesta ficha, além das atividades que são realizadas, também, ao final de cada etapa proposta na disciplina é indicada o que precisa ser reorganizado, bem como, as atividades que deixaram de ser realizadas. Tal ficha, além de ser uma ferramenta de acompanhamento para a equipe de formadores e tutores a distância, também exerce a função de manter o estudante a par do seu desenvolvimento na disciplina em questão. Para cada disciplina em curso, há uma ficha de avaliação disponível no espaço da disciplina.

8.2 Avaliação Presencial

O processo de avaliação presencial consistirá na realização de provas, testes e/ou atividade práticas e teóricas pontuadas de acordo com os conteúdos específicos indicados nos planos das disciplinas. O peso das avaliações realizadas presencialmente possui, majoritariamente, porcentagem maior que as realizadas a distância no Ambiente Virtual de Aprendizagem, indicadas nas salas das disciplinas.

8.3 Avaliação das Disciplinas de Ateliê

A produção do estudante, nas diversas linguagens artísticas do Curso Licenciatura em Artes Visuais, Modalidade a Distância, será avaliada tanto presencialmente na ocasião das oficinas, como também serão avaliadas através da disponibilização de imagens nas salas das disciplinas, no AVA, através da digitalização de imagens, ou ainda, caso seja necessário, pelo envio da produção pelo correio.

8.4 Recuperação de Estudos

Está previsto a recuperação de estudos de acordo com as normas do RGCG da Universidade Federal de Goiás e conforme norma da CAPES.

Por ser um curso com entradas regulares, todos os anos, não será possível o trancamento do curso. E as transferências serão feitas de acordo com as normas do RGCG da Universidade Federal de Goiás.

As notas serão publicadas/armazenadas no Sistema Acadêmico de Graduação (SAG) da Universidade Federal de Goiás que são gerenciadas pelo Centro de Recursos Computacionais (CERCOMP).

9 INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

As atividades de ensino, pesquisa e extensão deverão ser propostas de maneira dialógica, num sistema de retroalimentação do conhecimento produzido nas três instâncias da vida acadêmica. Os aprendizes serão estimulados a apreender o conteúdo através da investigação da realidade e através da reflexão da sua própria experiência e construção da sua prática.

Essas atividades poderão estar presentes em todo o percurso, dependendo da demanda e das condições locais e terão o objetivo de propiciar a familiaridade do discente com os procedimentos de investigação e com o processo histórico de produção, apropriação e disseminação do conhecimento, contribuindo para a compreensão do caráter provisório dos modelos teóricos. Entre outros aspectos, possibilitarão demonstrar que a arte, a ciência e a educação, como criações humanas, não são desvinculadas dessas questões e que as escolhas teórico-metodológicas estão perpassadas por esses processos.

Os projetos de pesquisa configuram um importante espaço de formação do professor reflexivo e investigador. A iniciação científica objetiva:

a) estimular pesquisadores produtivos a engajarem estudantes de graduação no processo acadêmico, otimizando a capacidade de orientação à pesquisa da instituição;
b) despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação, mediante suas participações em projetos de pesquisa, introduzindo o jovem universitário no domínio do método científico;
c) proporcionar ao bolsista, orientado por pesquisador qualificado, a aprendizagem de técnicas e métodos científicos, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas de pesquisa;
d) qualificar quadros para os programas de pós-graduação e aprimorar o processo formativo de profissionais para o setor produtivo.

10 POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DA UNIDADE ACADÊMICA

A estrutura de EaD projetada para o curso possibilita a integração das ações da coordenação de curso, professores formadores, tutores a distância e tutor presencial, possibilitando controle e sinergia no processo ensino-aprendizagem.

10.1 Atividades da Coordenação de Curso

Tem a competência para planejar, coordenar e acompanhar o desenvolvimento do curso, propor e encaminhar alterações curriculares quando pertinentes, com o objetivo de cumprir as prerrogativas legais e as ações necessárias à plena realização da proposta curricular.

10.2 Política de Qualificação do Quadro Docente UFG/FAV

A equipe da coordenação pedagógica do Curso, bem como os professores formadores, em sua maioria docentes do quadro efetivo da Faculdade de Artes Visuais, de acordo com o regimento interno da Faculdade de Artes Visuais, são amparados pela política de qualificação do quadro docente desta Unidade, como segue:

a) propor intercâmbio de professores da FAV com outras unidades da UFG, para fins de ensino, pesquisa e extensão, inclusive nas modalidades presenciais e à distância;
b) propor a substituição ou aperfeiçoamento de professores, ou outras providências necessárias à melhoria do ensino;
c) propor intercâmbio e cooperação entre professores da FAV para atender às necessidades dos cursos presenciais e EaD.

10.3 Política de Qualificação dos Tutores do Curso

A Faculdade de Artes Visuais em parceria com o Centro Integrado de Aprendizagem em Rede da UFG – CIAR/UFG oferecem cursos de formação de tutores a distância e tutores presenciais de acordo com a demanda de formação de equipe e quadro reserva para o Curso. Desta forma, muitos dos tutores, antes de iniciarem sua atuação nos espaços de mediação e interlocução nas disciplinas de determinado período letivo, passam por formação continuada, discutindo questões específicas de formação em EaD, bem como, questões específicas da área de artes visuais.

Os tutores que integram o quadro do curso passam periodicamente por processos de formação continuada. São elas de duas características: formação continuada na equipe da disciplina em que estiver atuando e oficinas de formação de tutores(as).

A formação continuada dos profissionais que atuam como tutores à distância na educação à distância faz-se necessário, pois uma parte dos tutores é recém-formada por profissionais sem a formação em artes visuais, sem experiência docente, ou que se formaram há muito tempo em currículos com outras concepções e ideologias educativas a respeito de arte e de educação.

Para que essa formação continuada aconteça são realizadas em períodos bimestrais, com duração de 6 horas, onde professores convidados ministram palestras com o objetivo de fornecer aos tutores uma formação articulada aos saberes tecnológicos, na direção de um ensino de arte contemporâneo para uma educação na qual se busca a autonomia dos sujeitos. Tais oficinas integram não apenas os tutores, mas também, todos os profissionais envolvidos direta ou indiretamente ao espaço de formação do curso.

11 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DE CURSO

Aplicar-se-á avaliação de forma continuada, realizada pelos atores do processo ensino-aprendizagem entre eles, alunos, tutores a distância, professores conteudistas, professores formadores, tutores presenciais e coordenador do curso, contemplando os seguintes aspectos:

a) desempenho do aluno;
b) desempenho dos tutores presenciais;
c) desempenho dos professores formadores;
d) desempenho dos tutores a distância;
e) adequação do sistema de tutoria;

f) adequação do ambiente virtual de aprendizagem;
g) qualidade do material impresso e da multimídia interativa;
h) qualidade e adequação do atendimento administrativo;
i) desempenho da coordenação do curso;
j) eficácia do programa.

Como instrumentos de avaliação serão utilizados questionários, controles automáticos fornecidos pelo ambiente virtual de aprendizagem e sistema de ouvidoria disponibilizado na secretaria online, no site do curso. Os planos de ensino e os materiais didáticos a serem utilizados serão amplamente avaliados e discutidos no colegiado do curso, observando-se: objetivos, conteúdo, atividades, bibliografia e aspectos didático-pedagógico, científico, cultural, ético, estético, motivacional bem como adequação ergonômica aos alunos e às TIC utilizadas.

11.1 Avaliação Diagnóstica do Processo

Os resultados das avaliações deverão ser utilizados com a função de retroalimentar os subsistemas de EaD na UFG objetivando o aprimoramento e novos patamares de qualidade e eficácia. Neste sentido, todo o processo avaliativo envolvendo as diferentes dinâmicas do Curso Licenciatura em Artes Visuais Modalidade a Distância, tornar-se-ão dados para consulta dos atores envolvidos no processo, para finalidade de informação pessoal e/ou desenvolvimento de pesquisa.

12 DINÂMICA E FLUXO DE RELAÇOES DE TRABALHO

As disciplinas estão dispostas na dinâmica de atuação dos estudantes no polo, local físico de encontro de docentes e discentes onde acontecem aulas presenciais, e no AVA, Ambiente Virtual de Aprendizagem onde estão depositados conteúdos *on-line* e atividades em salas de estudos tanto individual quanto de grupos de estudo.

No polo acontecerão as atividades presenciais distribuídas em disciplinas teórico/prática, com carga/horária de 20 horas cada uma. Também haverá o momento de apresentação de trabalhos elaborados ao longo do período de estudos totalizando, em cada presencial, carga/horária de 50 horas.

A estrutura pedagógica de EaD do Curso conta com as seguintes equipes:

a) Coordenação Geral: Profissional responsável por: realizar o planejamento e o desenvolvimento dos processos seletivos de alunos, em conjunto com o coordenador UAB; Acompanhar o registro acadêmico dos alunos matriculados no curso; Verificar "in loco" o andamento dos cursos. Acompanhar e supervisionar as atividades: dos tutores, dos professores, do coordenador de tutoria e dos coordenadores de polo; Informar o coordenador UAB a relação mensal de bolsistas aptos e inaptos para recebimento; Auxiliar o coordenador UAB na elaboração da planilha financeira do curso.
b) Colegiado dos cursos Licenciatura em Artes Visuais na Modalidade a Distância FAV/UFG: Constitui-se num fórum das discussões e das questões especificas dos cursos da EaD. Os integrantes desse colegiado são os professores que estão imersos nas dinâmicas tais como: direção da FAV, coordenação dos cursos, professores formadores, coordenação de tutoria, coordenação de estágio.

c) Coordenação de tutoria: Profissional responsável pela articulação entre formadores e equipe de orientadores acadêmicos e tutores de polo. Criar junto com a coordenação do curso mecanismos que assegurem o cumprimento do cronograma de implementação proposto no projeto de curso. Articula com a equipe dos polos – coordenador e tutor de polo para planejar juntas atividades referentes ao conteúdo da disciplina. Estimular a utilização das ferramentas de comunicação e interatividade. Esclarecer aos coordenadores de polo, tutores e representantes de polo sobre a dinâmica do curso, andamento das disciplinas e da rotina de atuação.

d) Professor autor (conteudista): os autores das disciplinas são convidados a produzirem conteúdos específicos para nossos cursos. São professores de reconhecida competência nas suas áreas de atuação. Temos recebido a contribuição de professores tanto da Faculdade de Artes Visuais da UFG quanto de outras importantes IES no país.

e) Professor formador: este professor é o responsável direto pela condução da oferta das disciplinas. É ele ou ela que supervisiona o trabalho dos professores orientadores ou tutores a distância, promove reuniões de planejamento e discussão de conteúdos. Acompanhar e apoiar o trabalho dos orientadores acadêmicos/tutores a distância durante o período letivo. Acompanha o desenvolvimento do conteúdo da disciplina através do ambiente MOODLE. Acompanhar a abertura dos Fóruns e Chats. Acompanhar o registro dos resultados da aprendizagem. Receber os documentos e relatórios referentes aos estudantes do curso. Acompanhar o fechamento dos relatórios e planilhas do curso. Participar do processo de avaliação geral do curso.

f) Tutor a Distância: esta figura é que faz a mediação dos estudantes com os conteúdos, discutindo, questionando, propondo desafios, avaliando o processo de aprendizagem de cada estudante. Entendemos que a mediação desempenha um importante papel para os sujeitos envolvidos no processo formativo. A partir deste entendimento, o papel do professor orientador deve estar pautado na concepção de construção colaborativa do conhecimento como um processo dinâmico e relacional advindo da reflexão conjunta sobre o mundo real. Deve contribuir para o desenvolvimento de base teórico-conceitual e o aprofundamento de conceitos dos estudantes, encorajando-os a buscar e a analisar diferentes pontos de vista e de conhecimentos, bem como acompanhar o processo de produção de novos conhecimentos.

g) Professor Orientador de TCC: Profissional responsável pelo desenvolvimento e acompanhamento da elaboração da monografia de Trabalho de Conclusão de Curso. Para garantir a qualidade desse processo não exceder a relação de oito estudantes orientandos para cada professor-orientador.

h) Coordenador de Estágio Supervisionado: Profissional responsável pela articulação e acompanhamento da documentação do estágio supervisionado. Terá as seguintes atribuições: a) contato com as coordenações de polo, com as escolas no município, com a PROGRAD, com o professor formador; b) coordenar, acompanhar e providenciar, quando for o caso, a escolha dos locais de estágio; c) solicitar a assinatura de convênios e cadastrar os locais de estágio; d) apoiar o planejamento, o acompanhamento e a avaliação das atividades de estágio; e) promover o debate e a troca de experiências no próprio curso e nos locais de estágio; e) manter registros atualizados sobre o(s) estágio(s) do respectivo curso.

12.1 Equipe Multidisciplinar

A equipe multidisciplinar trabalha integrada à equipe pedagógica do Curso. Esta articulada em torno da seguinte demanda:

a) produção de material didático: equipe formada por designers instrucionais, ilustradores, revisores pedagógicos e lingüísticos com a função de receberem o conteúdo escrito dos autores e formatar o conteúdo das disciplinas em livros, produzindo a matriz que vai para a impressão na gráfica;
b) produção multimídia: formada por profissionais especialistas em edição, roteiro, cinegrafistas e programadores;
c) desenvolvimento e gerenciamento do sistema: Será formada por profissionais responsáveis para o desenvolvimento e manutenção da plataforma a ser utilizada para a realização dos estudos e atividades referentes aos laboratórios de pesquisa;
d) armazenamento/gerenciamento dos dados produzidos: são gerenciados e armazenados pelo Centro de Recursos Computacionais (CERCOMP).

12.2 Equipe de Polo

Paralelo às equipes pedagógica e multidisciplinar, o Curso conta com a equipe de suporte no polo. Tal equipe constitui-se de fundamental importância para legitimação do espaço do polo a ser compreendida enquanto espaço ampliado da Unidade do Curso e da Universidade, da qual este faz parte, como segue:

a) Tutor Presencial - No curso de Artes Visuais o tutor de polo desempenha um papel primordial, pois, é ele que interage de perto com os estudantes, atende 20 horas em horários pré-definidos, estimula a participação dos estudantes no curso, resolve problema técnicos, cuida do laboratório, do atelier e da biblioteca, preferencialmente, com a colaboração de secretárias/os de pólo. O tutor de pólo não é orientador acadêmico, não desempenhas funções pedagógicas em relação aos conteúdos do curso, mas nem por isso, sua função é menos importante. É o tutor de pólo que acompanha de forma mais próxima o processo do estudante. Deve ter ou procurar adquirir conhecimentos de informática dominando as ferramentas necessárias para poder orientar aos estudantes em suas diversas tarefas: abrir e anexar arquivos, postar imagens, fazer download, etc;
b) Tutor de Ateliê – Será o profissional responsável pelo acompanhamento dos estudantes no desenvolvimento das oficinas de práticas de ateliê. Lembrando que a prática de ateliê não esta restrita aos momentos presenciais do curso, uma vez que se constitui numa ação continua. O estudante tem total autonomia de freqüentar o polo no decorrer do desenvolvimento de suas atividades durante o período letivo, por isso a necessidade de uma carga horária de 20hs semanais para essa função;
c) Tutor de Estágio no Polo – Será o profissional responsável pelo acompanhamento dos estudantes no desenvolvimento dos Estágios Supervisionados Curriculares Obrigatórios;
d) Coordenador de Polo - Nos polos UAB existe a figura de coordenador de polo que gerencia o espaço físico onde o curso é ofertado. Para cada polo existe apenas um coordenador de polo independentemente do número de cursos e de quantas universidades. Tem uma função burocrática e administrativa importante, pois, dialoga com os poderes locais do município, com o MEC e com a Universidade de cada curso. Tem um papel de mediação entre as diversas instâncias: UFG,

FAV, CIAR, MEC e os poderes locais no polo. Apesar dessa amplitude de responsabilidades é importante enfatizar que:

- o Coordenador de Polo não tem uma função didática propriamente dita, não tem acesso ao ambiente das disciplinas;
- o Coordenador de Polo não pode interferir nas aulas presenciais que acontecem no polo;
- não tem gerência pedagógica sobre os professores da FAV-UFG que vão ministrar aulas presenciais;
- o Coordenador de Polo somente tem acesso a sala de diálogo polo e coordenação do curso e diálogo com o suporte.

12.3 Cronograma de Atividades Presenciais e a Distância

Cada período letivo corresponde a um semestre, contemplando disciplinas dos quatro eixos temáticos. O período letivo prevê três encontros presenciais, com a possibilidade de encontros extras para realização de Webconferências, atendimentos específicos para as práticas de Ateliê, Estágio Supervisionado e desenvolvimento de TCCs, projetos de pesquisa, cursos de extensão, entre outras possibilidades.

Os encontros presenciais serão motivos de amplo planejamento, envolvendo todas as equipes do Curso. Entre as atividades a serem contempladas incluem-se avaliação do desempenho discente, apresentação de palestras, aulas, pesquisas desenvolvidas, defesa de TCC, visitas técnicas e integração social da comunidade acadêmica.

12.4 Estruturação do Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA

O Ambiente Virtual de Aprendizagem é estruturado, em campos de acesso diferenciados adequado para os perfis de estudantes e equipe pedagógica. As salas das disciplinas, definidas para cada polo, são organizadas a partir do planejamento indicado no plano de curso. As atividades são definidas por espaços de estudo que variam de propostas semanais a quinzenais.

O planejamento das disciplinas é desenvolvido em reunião com equipe de professores formadores e equipe da coordenação pedagógica do Curso. Neste sentido, as disciplinas do semestre são organizadas em formato interdisciplinar, na busca por integrar pesquisas, saberes e trajetos vivenciados em cada período letivo.

Em cada sala das disciplinas do período letivo são postados os arquivos em PDF do texto base do livro impresso; textos complementares para pesquisa e links de espaços para pesquisa. Neste espaço também são abertos fórum de notícias (de responsabilidade do professor formador e tutores a distância) para manter os estudantes informados sobres ações do curso e/ou notícias relacionadas aos núcleos de ensino e pesquisa da disciplina. Cada disciplina, a partir do plano de curso, indica as ferramentas e recursos do AVA (Moodle) que serão utilizados no período de estudo. Tais ferramentas e recursos são de formato síncrono e assíncrono, tais como fórum de discussão, *chats*, diário online, *blog*, produção de texto online, questionário, entre outras.

12.5 Mediação e Acompanhamento da Aprendizagem na Sala da Disciplina

A mediação e interlocução, nas salas das disciplinas, são de responsabilidade do professor formador com o auxílio do tutor a distância. A interlocução, neste espaço, acontece em formato dialógico, por meio de diálogos no processo de orientação do desenvolvimento da proposta de cada atividade indicada no plano de curso da disciplina.

Para que professores formadores, tutores a distância e estudantes do curso interajam de forma dialógica e critica, são montados horários de atendimento que abrangem desde a visita diária ao espaço das discussões e/ou agendamento de chats para suporte até o uso de recursos de audio tais como a produção de *podcasts* para reforçar e embasar as discussões, esclarecer dúvidas e/ou dificuldades surgidas no processo, bem como complementar ações em processo.

12.6 Encontros Presenciais

Os encontros presenciais acontecem em períodos determinados no cronograma anual do curso. A cada período letivo, são indicados três encontros presenciais. Tais encontros têm por objetivo ampliar e avaliar (presencialmente) os conteúdos, ampliando as ações no campo das mediações e interlocuções desenvolvidas nos espaços de discussões definidos no plano de curso e dinamizados na sala das disciplinas, no Ambiente Virtual de Aprendizagem. O período da semana indicado para agendamento dos encontros presenciais é indicada para sexta-feira no período noturno e, sábado nos períodos matutino e vespertino.

A programação de cada encontro é divulgada com antecedência. Os planejamentos para estes momentos são desenvolvidos de forma conjunta entre a equipe de coordenação pedagógica, coordenação de tutoria, equipe de professores formadores e tutores a distancia.

A cada período letivo são agendados encontros presenciais extras. Tais encontros são de caráter facultativo em relação á presença no espaço do polo, pois são configurados em formato de webconferência, com transmissão direta da Faculdade de Artes Visuais para os espaços dos polos e espaços digitais de conexão. Tal dinâmica presencial/virtual dispensa a presença no polo, desde que o estudante tenha condições de estar conectado no período indicado, participando das discussões propostas.

12.7 Concepção de Formação: Dinâmicas de Mediação e Interlocução

A concepção das dinâmicas de mediação e interlocução dos conteúdos das disciplinas, no Curso Licenciatura em Artes Visuais Modalidade a Distância esta orientada no estabelecimento de processos de parceria entre equipe de coordenação de curso, coordenação de tutoria, professores formadores e tutores a distância.

A cada semestre são estabelecidos horários de planejamentos, entre as equipes citadas, que se dividem em momentos presenciais e à distância. As reuniões presenciais acontecem em espaços pré-definidos nas Unidades da Faculdade de Artes Visuais. As reuniões a distância acontecem em sala no Ambiente Virtual de Aprendizagem, abertas sob a indicação de sala de planejamento. A cada período letivo é aberta uma nova sala.

Tanto nas reuniões presenciais, quanto nas reuniões a distância, os diálogo ocorre na busca pela problematização do processo de cada turma/polo, num processo de avaliação contínua, pontuando as necessidades de complementação do plano de curso, bem como complementação e/ou adequação de questões surgidas no processo.

O diálogo do tutor a distância acontece diretamente com a equipe de coordenação do curso. As ações deste perfil estão centradas em ações administrativas, de suporte técnico e auxílio ao estudante no espaço do polo.

Mensalmente, a depender das demandas e encaminhamentos do curso, toda a equipe, ou parte destes grupos são convocados pela coordenação de tutoria para avaliações das atuações no período bem como encaminhamentos específicos das demandas do período letivo em curso, bem como, para o planejamento de etapas futuras.

12.8 Concepção de Tutoria

A concepção de tutoria do curso, esta orientada numa perspectiva de formação continuada. A Especificidade da formação em artes visuais (licenciatura e bacharelado) gera dificuldade de encontrar profissionais, destas áreas, que atendam o perfil e o quantitativo de vagas oferecidas. Tais necessidades, no decorrer do processo, indicaram a necessidade de ampliar o campo de atuação para tutores com formação específica, para áreas afins. Sendo assim, observando as necessidades das disciplinas, nos diferentes eixos temáticos, são montadas as equipes de tutoria a distância. Para dar suporte ao professor formador e, na busca por ampliar o espaço de diálogo com/entre as disciplinas, as reuniões de planejamento, passaram a configurar-se, também, em momentos de formação continuada dos tutores, nas diferentes equipes que integram cada período letivo.

Os tutores a distância nao são fixos por polo. Tais equipes são montadas de acordo com os diferentes conteúdos, uma vez que, estes a mediação e interlocução destes conteúdos demandam perfis diferenciados, conforme disciplinas elencadas por período. Desta forma, a cada período letivo, os tutores podem cumprir um remanejamento tanto de disciplinas quanto de pólos.

13. ESPAÇOS ESTRUTURAIS, RECURSOS DIDÁTICOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO

O Curso Licenciatura em Artes Visuais na Modalidade a Distância conta com uma estrutura composta por espaços estruturais, recursos didáticos e ferramentas de comunicação que dão suporta as ações propostas no decorrer de cada período letivo.

13.1 Polo de Apoio Pedagógico

O polo é um espaço físico em cada município que recebe a instalação das condições necessárias para a oferta do curso na modalidade a distância. Simbolicamente o polo é configurado numa extensão do espaço da UFG em cada município. Tal compreensão é relevante para compreensão das dinâmicas que envolvem esse processo.

A aula do polo deve ser respeitada, como se fosse, na própria UFG, não sendo, nesse contexto permitido o exercício de atividades paralelas.

O espaço no polo destinado ao curso deve ser a "casa FAV-UFG" do estudante, a ele deve ser facultado o acesso (em horários programados) ao laboratório, aos ateliês bem como a biblioteca, bem como o atendimento pelo tutor presencial para sanar dúvidas, suporte com as tecnologias e orientações gerais sobre as dinâmicas do curso.

A equipe de professores que vai aos presenciais também deve ter acesso sem restrições a esses espaços, podendo desenvolver atividades nos mesmos.

13.2 O Laboratório de Informática

Este espaço é onde será desenvolvida a mediação on-line do processo de ensino aprendizagem do curso. Quando for proposta avaliações on-line, o estudante deve se dirigir ao pólo e sob a supervisão do tutor, realizar a avaliação, uma vez que este será o responsável por acessar o espaço da prova mediante senha restrita.

O laboratório é também um espaço para que o estudante busque suporte técnico dos tutores quanto ao uso das ferramentas e estratégias de estudo na modalidade a distância. Além disso, como os computadores são ligados a rede *www* o laboratório torna-se um espaço de pesquisa de amplas possibilidades, por isso a solicitação de acesso irrestrito dos estudantes nesse espaço.

13.3 O Ateliê de Práticas Artísticas

O ateliê é o coração do curso de artes visuais. Cada polo deve ter um espaço específico (não improvisado) para que as aulas de ateliê aconteçam. Este espaço deve ser disponibilizado para que o estudante desenvolva suas experiências e pesquisas caso necessite, no polo.

A ausência desse espaço prejudica o bom andamento do curso e perpetua a prática da improvisação para o ensino de artes. Segue abaixo orientações sobre a montagem do ateliê de prática artística:

a) verificar instalações físicas adequadas para um ateliê de artes visuais, que tenha boa iluminação natural, pontos de água (tanque, não pia);
b) armários fechados para guardar latas de tinta e outros materiais;
c) prateleiras de madeira ou armários abertos para secagem de peças;
d) garantir que a sala de ateliê tenha uma parede disponível (e em condições) de projeção;
e) uma mapoteca para guardar papéis;
f) kit com ferramentas: tesoura, alicate, martelo;
g) bacias, potes plásticos, vidros secos com tampa;
h) prensa de gravura;
i) papéis para impressão;
j) estopas.

O ateliê de Linguagens bidimensionais apresenta as seguintes indicações:

a) uma sala ampla, com quatro a seis mesas retangulares (madeira ou pedra marmorizada) com oito bancos cada;
b) pontos de água. Duas a quatro pias, tipo tanques de lavar roupa;
c) estantes para guardar tintas, papéis e demais equipamentos.

O ateliê de Linguagens tridimensionais apresenta as seguintes indicações:

a) pontos de energia (tomadas) regularmente distribuídos no ambiente;
b) bancadas para trabalhos com cerâmica, gessos e demais materiais a serem usados no processo de escultura e modelagem;
c) um tanque para conserva de argila;
d) pontos de água. Duas a quatro pias, tipo tanques de lavar roupa;
e) estantes para guardar tintas, papéis e demais equipamentos;
f) estantes de madeira abertas para secagem da produção de cerâmica;
g) tornos de modelagem/ cerâmica.

Apesar de serem apresentadas separadamente, tais ateliês podem ser montados num formato integrado em uma sala multiuso.

13.4 A Biblioteca/Midiateca

Todos os polos receberam verbas para a compra de livros indicados pela coordenação do curso. O hábito da leitura e da pesquisa deve ser estimulado por meio da frequência a este espaço que além de livros, deve dispor também de materiais midiáticos: cd-rooms, vídeos, etc. Coordenadores e tutores de polo devem desenvolver formas de consulta e empréstimo, contribuindo para aprendizagem mais aprofundada dos estudantes.

13.5 Equipamentos

Todas as aulas presenciais necessitam contar com o apoio de equipamento que devem ser permanentes no polo tais como o data show, retroprojetor, TV e aparelho de DVD.

13.6 Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA

O ambiente virtual de aprendizagem é estruturado num padrão de diálogo e comunicação com o objetivo de aproximar os diferentes atores nesse processo. Em cada espaço destinados aos polos o AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) esta subdividido em espaços de disciplinas. Cada disciplina iniciada funciona dentro de um espaço individualizado.

a) Conexões: Para viabilizar os espaços de comunicação e proporcionar espaços para diálogos diretos, foram criados espaços denominados conexões:
   - Conexão-Polo: Espaço administrado pelo tutor de presencial, para recados, espaço social, comunicados. Possuem acesso a essa conexão o tutor presencial, o coordenador de polo, os estudantes, os professores formadores e tutores a distância;
   - Conexão-Coordenação: Espaço para diálogo direto com a coordenação do curso. Possuem acesso a essa conexão a equipe de coordenação do curso e os estudantes.

b) Coordenação de Tutoria - Espaço para diálogo direto com a coordenação de tutoria. Possuem acesso a essa conexão a equipe de coordenação do curso, os estudantes e tutores de polo;

c) Secretaria Online - Espaço destinado ao diálogo com o responsável para questões relativas a secretaria da FAV/EaD (solicitações de declarações, extratos, pedidos pertinentes à secretaria). Possuem acesso a essa conexão os estudantes de polo;

d) Conselho de Classe: Espaço de discussão, acompanhamento da aprendizagem dos alunos. Neste espaço dialogam os tutores a distância que fazem a mediação dos conteúdos, o tutor presencial e os formadores de cada disciplina;

e) Diálogo Polo e Coordenação do Curso: Espaço reservado para informações, notícias, envio de relatórios (dos tutores para a coordenação do curso), dúvidas, diálogos. Possuem acesso a esse espaço os tutores presenciais, coordenadores de polo e coordenação do curso;

f) Sala Planejamento: Espaço reservado para as equipes (formador + tutores a distância) das diferentes disciplinas para planejamento, discussão, envio de relatórios, das disciplinas em curso;

g) Salas “10” - Espaço proposto para que cada professor formador organize seu padrão de sala de aula. Funcionará como um espelho para que os orientadores acadêmicos vejam a organização das informações que necessariamente precisam conter em suas salas;

h) Sala Equipe de Coordenação - Esse espaço foi destinado para registro, informações, e relatórios das pessoas que fazem parte da equipe de coordenação FAV/EaD. Possuem acesso a esse espaço, apenas as pessoas que trabalham diretamente na equipe de coordenação;

i) Suporte Técnico - Esse espaço é destinado para que a equipe de suporte esclareça, ajude e tire as dúvidas relativas à navegação no AVA. Organiza oficinas de capacitação e orientação. Possuem acesso a esse espaço todas as pessoas cadastradas no AVA FAV/UFG.

13.7 Material Didático

Os cursos da modalidade a distância da UFG assumiram o compromisso de ofertar o material didático para os estudantes. Para cumprir tal compromisso o curso prevê a montagem de equipes multidisciplinares voltadas para construção de materiais de mediação voltados para mídias impressas e digitais. Nessa dinâmica, professores autores e equipe de produção composta por profissionais de diferentes áreas articulam a elaboração de projetos editoriais com finalidades de dar suporte nos processos de mediação.

No conceito material didático compreendemos a produção de coleções com textos bases das disciplinas, coleções complementares, CD-ROM, jogos, vídeos-aulas, *podcasts*, entre outras possibilidades.

14 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. O professor não duvida! Duvida? São Paulo: Editora Gente, 1998.

ADES, Dawn. Arte na América Latina. São Paulo: Cosac & Naify,1997.

ALVES, Rubem. Lições de Feitiçaria: Meditações sobre a poesia. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ARGAN, G.C. Arte e crítica de arte. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1988. (Teoria da Arte, 4).

ARGAN, G.C. Arte e crítica de arte. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1988. (Teoria da Arte, 4).

ARGAN, G.C. Arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 340 p.

AYALA, Marcos. AYALA, Novaes. IGNEZ, Maria. Cultura Popular no Brasil: perspectiva de análise. São Paulo: Ática S.A., 1987.

BARBOSA, Ana Mae (org.) Consonâncias internacionais para o ensino de arte. São Paulo, Cortez, 2006.

BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte Educação: Leitura no Subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

BARBOSA, Ana Mae. A Importância da Imagem no Ensino da Arte: Diferentes Metodologias. In: Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte e a Rede Arte na Escola. Porto Alegre, 1998.

BARBOSA, Ana Mae . Inquietações e mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae . Teoria e Prática da Educação Artística. 14ª ed. São Paulo: Cultrix,1995.

BARBOSA, Ana Mae T. B (Org.). Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

BARBOSA, Ana Mae T. B. Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BARBOSA, Ana Mae, SALES, Heloisa Margarido, COUTINHO, Rejane. Artes Visuais da exposição à sala de Aula. Edusp 2006.

BARBOSA, Ana Mae, SALES, Heloisa Margarido. O ensino da arte e sua história. São Paulo: MAC|USP, 1990.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação : conflitos e Acertos. São Paulo: Max Limonad, 1984.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. História da Arte Educação: A Experiência de Brasília: 1º Simpósio Internacional de História da Arte Educação. São Paulo: Max Limonad, 1986.

BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o Ensino de Arte no Brasil. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BAUDRILLARD, J. Mito-ironias da era do virtual e da imagem. Trad. Juremir Machado da Silva, Porto Alegre,Sulina, 1997.

BERTAZZO, Ivaldo. Cidadão corpo: identidade e autonomia do movimento. São Paulo: Sesc/Opera Prima, 1996.

BERTICELLI, Ireno Antônio. Epistemologia e Educação: da complexidade, auto-organização e Caos. Chapecó: Argos, 2006.

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BORGES, Maria Elízia. Olhar para ver. Apostila de Arte Brasileira. Material pedagógico usado em sala de aula.UFG/ FAV, Goiânia, 1998. (encomendar com a autora – maelizia@terra.com.br.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BRAGA, Denise Bértoli. A construção híbrida da escrita na internet. Revista Estudos Pedagógicos. Campinas, UNICAMP, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora UFG, 2004.

CAMARGO, Isaac Antonio. Vertentes para o Ensino em Arte Visual. Londrina: Editora da UEL, 1997.

CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 1998.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CANCLINI, Nestor García. A socialização da arte: teoria e prática na América Latina. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Nestor García. As culturas populares do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANTON, Kátia. Novíssima Arte Brasileira: Um guia de tendências. São Paulo: Iluminuras, 2001.

CHALHUB, S. (org.). Pós-moderno e semiótica, cultura, psicanálise, literatura, artes plásticas. Associação Brasileira de Semiótica, Rio de Janeiro, Imago, 1994, 121 p.

CHAUÍ, Marilena Sousa. Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2000.

COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CONNOR, S. Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

CORAZZA, S. e TADEU, T. Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORAZZA, S. O que quer um currículo? Pesquisas Pós-Críticas em Educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

COSTA, Marisa Vorraber. (org.) O currículo nos limiares do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A editora. 3ª ed. 2001.

COSTA, Marisa Vorraber. Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COUTINHO, Eduardo (org). Fronteiras Imaginadas: cultura nacional/teoria internacional. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DAVIS, Cláudia, e OLIVEIRA, Zilma de M.R.de. Psicologia na educação. São Paulo: Cortez,1994.

DEMO, Pedro. Desafios Modernos da Educação. Petrópolis: Editora Vovez, 2001.

DEMO, Pedro. Universidade, Aprendizagem e Avaliação: horizontes reconstrutivos. Porto Alegre: Mediação, 2004.

Dicionário Oxford de Arte. São Paulo, Martins Fontes.

DORFLES, Gillo. O DEVIR DAS ARTES. 1988:248.

DOURADO, Luiz Fernandes e CATANI, Afrânio Mendes (orgs). Universidade Pública: Políticas e Identidade Institucional. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Goiânia, Go: Editora da UFG, 1999.

DUARTE JR. O Sentido dos Sentidos – A Educação (do) Sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.

DUARTE JR., João Francisco. Fundamentos da Arte na educação. São Paulo: Cortez, 1981.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. Por que Arte-Educação? Campinas: Papirus,1983.

DURAND, José Carlos. Arte, Privilégio e Distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil 1855/1985. São Paulo: Editora da USP, 1989.

FERNANDES, J. O poema visual. Goiânia, Ed. Vozes, 1997.

FERNANDES, José. Técnicas de Estudo e Pesquisa. Goiânia: Editora Kelps, 2002.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. R. Metodologia do ensino da arte. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Sueli (org.). O Ensino das Artes: construindo caminhos. Campinas SP: Papirus, 2001.

FERREIRO, Emília . Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1994.

FILATRO, Andrea. Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FRANCOIO, Maria Ângela Serri. Ciranda de Formas: Bichos – Jogos, brinquedos e brincadeiras - Apostila do Professor. São Paulo: MAC USP/FAPESP, 2004.

FRANGE, L. B. P. Noêmia Varela e a arte. Belo Horizonte: Com Arte, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade, 20ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 39ª edição. Ed. Paz e Terra, 2004.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande&Senzala: Formação da Família Brasileira sob o regime de Economia Patriarcal. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.

FROTA, Lélia Coelho. Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro: século XX. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2005. CULTURA. Escolinha de Arte do Brasil. Brasília: Inep, 1980.

FUSARI, Maria; FERRAZ, Maria Luíza. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1992.

GIROUX Henry A. Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação. Porto Alegre: Arts Médicas Sul, 1999.

GOMBRICH, Ernest. A história da Arte.

GOMBRICH, Ernest. Arte e Ilusão.

GÓMEZ, A. I. Pérez. A cultura na sociedade neoliberal. Porto Alegre: Artemed Editora, 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Alimentação e cultura popular. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2002. (Encontros e estudos 4).

GRUZINSKI, Serge. O Pensamento Mestiço. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUIMARÃES, Leda Maria de Barros. Desenho, Desígnio, Desejo: sobre o ensino do desenho. Teresina: EDUFPI, 1996.

GUIMARÃES, Leda Maria de Barros. Entre a universidade e a diversidade: a linha vermelha do ensino da arte. São Paulo: Tese de Doutorado ECA/USP, 2005.

GUMBRECHT, H. U. A modernização dos sentidos. São Paulo, Editora 34, 1998.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG –Brasília –UNESCO/Brasil. 2003.

HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

HAUSER, Arnold. História Social da Arte e da Literatura, São Paulo, Ed.

HERNANDEZ, Fernando. Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

JACQUES, Paola Berenstein. Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, 2ª ed.

JAMESON, F. Pós-modernismo: a lógica do capitalismo tardio. São Paulo, Àtica, 1996.

JANSON, H. W. História Geral da Arte, São Paulo. Martins Fontes.

JOHSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina e SCHULMAN, Norma. Organização e traduções: Tomaz Tadeu da Silva. O que é, afinal, Estudos Culturais?. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Texto e jogo. São Paulo: Perspectiva, 1998. Jogos teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1984.

KUENZER, Acacia Z. Ensino Médio e profissional: As políticas do Estado neoliberal. São Paulo: Cortez, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um Conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1986.

LEITE. Juçara Luzia e REBOUÇAS, Moema Martins.(orgs) TV ESCOLA: Trajetórias, Reflexões e Vivências no Espírito Santo. MEC; Núcleo TV Escola-UFES, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor.

LIBÂNEO, OLIVEIRA e TOSCHI, Mirza Seabra. EDUCAÇÃO ESCOLAR: POLÍTICAS, ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO. 2003: 280.

LIMA, Nei Clara de. Narrativas Orais: uma poética da vida social. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

LIMA, Rogério. A leitura e a virtualização do texto literário. Revista Brasileira de Literatura Comparada. Rio de Janeiro: ABRALIC, n. 9, p. 191 -212, 2006.

LINHARES, Célia (org). Políticas do Conhecimento: velhos contos, novas contas. Niterói: Intertexto, 1999.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marrli E. D. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, Menga. Etnografia na prática escolar. Campinas, Papirus, 2003.

MARTINS, Míriam; PICOSQUI, Gisa; GUERRA, Maria. Didática do ensino da arte: a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Temas e Técnicas em Artes Plásticas. 2. São Paulo: Editora ECE, 1987.

MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rocco,1984.

McLAREN, Peter. Multiculturalismo Crítico. Tradu Bebel Orofino Schaefer. 3ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. – (Coleção Prospectiva, v.3).

MEIRA, Marly. Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MORAIS, Frederico. Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte. Rio de Janeiro: Record, 1988.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O Espaço do desenho: a educação do educador. São Paulo: Edições Loyola,1995.

MORIN, Edgar. Imaginários da educação: por uma reforma da universidade e do pensamento. Trad. Juremir Machado da Silva. Revista Famecos. Porto Alegre: Número 06, 1997.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NAPOLITANO, M. Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2001.

NISKIER, Arnaldo. LDB: A Nova Lei da Educação. Tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica. Rio de Janeiro: consultor, 1996.

NUNES, Benedito. A filosofia contemporânea. São Paulo: Ática, 1991.

OLIVEIRA, Marilda e HERNANDEZ Fernando (orgs.) Formação do Professor em Artes Visuais. Santa Maria: Editora UFSM, 2005.

OSINSKI, Dulce R. B. Arte, História e Ensino: uma trajetória. São Paulo: Cortez, 2001.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

OSTROWER, Fayga. Universos da Arte. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1983.

PAIVA,Eduardo França. História e Imagens. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

PENNA, Maura (Org.). É este o ensino da arte que queremos? Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. João Pessoa: Universitária/CCHLA/PPGE, 2001.

PENNA, Maura. O dito e o feito: política educacional e arte no ensino médio. João Pessoa: Manufatura, 2003.

PEREGRINO, Yara (Coord.). Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1995.

PIGNATARE, Décio. Cultura Pós Nacionalista. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

PILLAR, Analice D. Desenho e construção de conhecimento na criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b.

PILLAR, Analice D. Desenho e escrita como sistemas de representação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a.

PILLAR, Analice Dutra. (org.) A Educação do Olhar no Ensino das Artes. Porto Alegre: Mediação, 1999.

PILLAR, Analice Dutra. Desenho e Construção de Conhecimento na Criança. Porto Alegre, RS: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1996.

PORCHER, Luis (org). Educação Artística – Luxo ou Necessidade? São Paulo: Summus, 1982.

RACHEL, Mason. Por uma Educação Multicultural. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

READ, Herbert. Educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICTHER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

_____SANTOMÉ, Jurjo Tores. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. Coleção primeiros passos.

SCHWARCZ, L. M. & REIS, L. V. de S. Negras Imagens: Ensaios sobre Cultura e Escravidão no Brasil. (orgs) São Paulo: Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

SCHWARTZMAN, Simon. A Redescoberta da Cultura. São Paulo: Fafesp, 1997.

SELIGMANN-SILVA, M. O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

SEMPRINI, A. Multiculturalismo. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SERRANO, Manuel Martin. A participação dos meios audiovisuais na construção da visão do mundo das crianças. Tecnologia da Educação, Rio de Janeiro, n° 87/88, Rio de Janeiro, p. 58 - 65, mar./jun, 1989.

SEVCENKO, N. A Corrida para o Século XXI – No loop da Montanha Russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHIROMA, E. O. et. al. Política Educacional. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

SHUSTERMAN. R. Vivendo a arte. O pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998.

SILVA, T. T. O Currículo como Fetiche – a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOURIAU, E. A correspondência das artes: elementos de estética comparada. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1983.

SOUSA SANTOS, B. Um Discurso sobre as Ciências. Lisboa: Afrontamento, 1999.

STANGOS, Nikus. Conceitos da Arte Moderna. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

TEDESCO, Juan. O novo pacto educativo. São Paulo: Ática, 1998.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.

TINOCO, Eliane et al. Possibilidades e encantamentos: trajetórias de professores. Uberlândia, 2003.

Tomás Tadeu da Silva (org). Alienígenas na sala de aula – Uma introdução aos Estudos culturais em Educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p.85-103.

TORRES, Carlos Alberto. Teoria Crítica e Sociologia Política da Educação. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

WILLIAMS, Robin. Design para quem não é designer. São Paulo: Callis, 1995.

Documentos Oficiais de Orientação Curricular

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes para o ensino de História e cultura da África e afro-brasileira. Brasília: Secad, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PCN + Ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias – arte. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Novas Orientações Curriculares: linguagens, códigos e suas tecnologias – arte. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2006.

RIBEIRO, José Mauro et alli. Arte. In: BRASIL. Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

MEC:UNESCO. Educação: Um tesouro a descobrir. São Paulo Cortez; Brasília DF. 2001.

Educação infantil no Brasil: Situação atual/MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/DPE/EDI, 1994. 44p.

• • •